



9

ALABAMA



1867

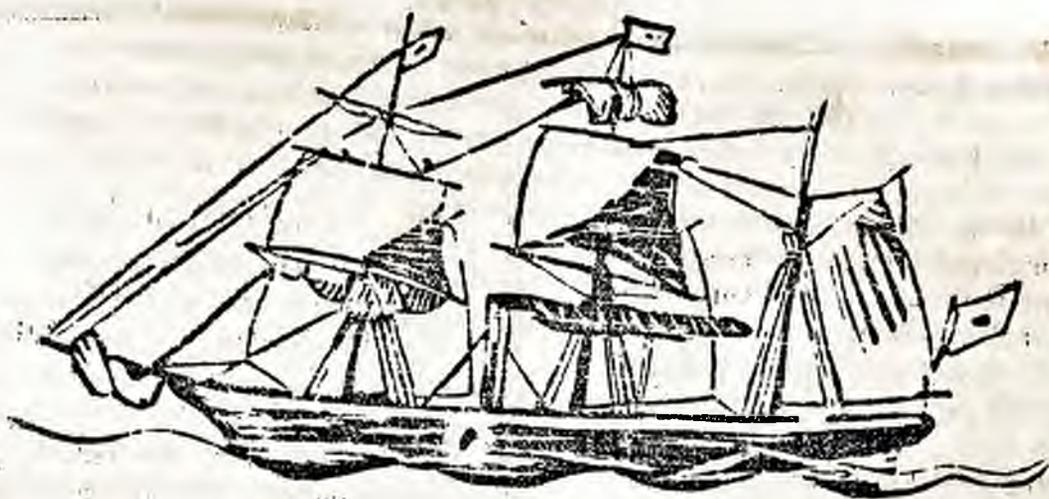
A

2868



I	8
6	20

L. G. H. B.



# O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.  
à rua do Colégio n. 44, 1.º andar

Serie 44.

Preço d'assignatura — 1.75 rs. por serie de 11 numeros, ou 5.75 rs. por 6 series.

BAHIA

2 DE SETEMBRO DE 1868.

N.º 404 e 405

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*  
4 de setembro de 1868.

Officio ao Ilm. Sr. subdelegado da Sé,  
chamando sua attenção para um socavão á  
rua d'Ajuda n.º onde se acolta gente per-  
dida, de toda condição e sexo.

Na nessa cafurna constantemente um *samba*,  
á noite, que termina sempre em desavença  
entre a pandega, do que resulta se hostilisa-  
rem com uma alluvião de termos reprovados  
pela decencia. Espera-se que S. S. dê uma  
prova de sua energia, fazendo acabar com  
semelhante foco de depravação e turbulencia.

—Ao Ilm. Sr. subdelegado de S. Pedro,  
pedindo-lhe que faça acabar com um malficto  
*candomblé* nos funlos da roga da viuva Serva,  
ao becco dos Barais, para onde são fatalmen-  
te attrahidas, pela credulidade, senhoras ca-  
sadas, que vão procurar especificos, que fa-  
am com que seus maridos não se esqueçam dos  
deveres conjugaes; escravos, que vão pedir  
ingredientes para abrandar o animo de seus  
senhores; mulheres, que vão buscar os meios  
de fazer felicidade e até negociantes para te-  
rem bom andamento em seus negocios!

Gusta a crer que esta terra ainda esteja  
em semelhante estado de barbaria e que a po-  
licia tole e que viva um especulador a illudir  
a boa fe, a credulidade e a ignorancia, com  
prejuizo dos chefes de familia, que, muitas ve-

zes, trazam dez perniciosas facultadas pelo  
tal industrioso e administralas innocentem-  
mente por seus proprios famulos.

Não convindo que continue semelhante  
immoralidade, espera-se de S. S. promptas  
providencias.

—Si tivessemos uma policia mais previ-  
dente, não se reproduziriam certos escanda-  
los, que tanto de poem contra nossa moralidade  
e civilisação.

—E' ce to.

—E tambem se evitaria certos factos cri-  
minosos.

—Justamente.

—O que quer dizer uma sucia de rapazes  
malcreados, andarem por casas das mulheres  
meretrizes a fazerem assnadas ter-  
riveis, perturbando o socego publico e a darem o que  
elles chamam *beneficio*?

—Em um dia destes, o celebre *Marcos Ra-  
beca* com dois satellites seus, quebrarou vi-  
dros e trastes, e espancou a uma menina da  
*boa vida*, na ladeira da Misericordia.

—Não succedem assim a um Sr. *Fulano  
dos Anzoes*, que, inlo com outros, no doming-  
o á noite, á portada *Coruja*, encastal-a, esta  
pissou-lhe uma garrafada pelas bitaculas,  
que fez o sangue descer.

—E ella foi presa?

—Sem duvida.

—O que se pouparia, si a policia, quando  
os garotos estivessem praticando esses maus-  
feitos, os fizesse retirar.

— E' claro; mas a policia pouco se lhe dá com isso.

— No sabbado á noite, uma pandega de mais de dez fazia o diabo com uma pobre mulher no adro de S. Pedro dos Clerigos, em quanto outro grupo arrancava a meia porta de uma casa, mais aliante. E tudo isso era praticado com a mais estrepitosa algazarra.

— Em S. Pedro, andaram quebrando as vidraças.

— E a policia, indolente, descalpa-se com a falta de pessoal.

— E que o tivessem! Vesperas de eleição regulam com Sexta-feira Santa, em que não se castiga ninguém; guarda-se para sabbado d'alleluia.

— A creoula Joanna de tal, moradora á rua Direita de Palacio, tendo acaba-lo de negociar em sua barraca, á Santa Barbara, no sabbado á noite, dirigi-se para sua morada, quando cahiu pedindo socorro e dahi a instantes era cadaver.

— Entendo que nestes casos a policia devia ser muito escrupulosa.

— Nesse dia foram dous os casos de morte repentina.

Um creoulo, sahindo para seu trabalho, ás 8 horas da manha, cahiu na Estrada Nova e falleceu instantaneamente.

— Não tenho animo para ver tanto sangue.

— O que seria aquillo?

— A infeliz rapariga cahiu sobre um caco de garrafa e deu dous profundos golpes, cortando a arteria.

— Coitada!

— E veio desde os Coqueiros esvaindo-se, sem encontrar um medico que a soccorresse.

— Hoje é domingo, estão frios.

— Diz o medico no hospital, que fica aleijada do braço.

— Do mal o senhor.

## LA VAE VERSO.

### BEIJA-MÃO.

CANÇÃO POPULAR.

Corramos, filhos do povo,  
Corramos ao beija-mão;  
O espectaculo não é novo,  
E' antiga adoração:  
Adora, filho do povo,  
Ajoelha, beija a mão!

Filhos do genero humano,  
Miseros filhos de Adão,

E' divino o soberano;  
Tal da gazeta o pregão;  
Ajoelha, povo humano,  
Ajoelha beija a mão!

Essa historia de mandato,  
Nacional delegação,  
Fundamental lei ou pacto,  
E' mesma historia, invenção;  
Deix-te lá de mandato,  
Ajoelha, beija a mão!

Cidadãos, livres mandantes,  
Rei, mandatario, pois não!  
Que idéas extravagantes!  
Que loucos netos de Adão!  
Vamos, povo de mandantes,  
Ajoelha, beija a mão!

E si um pacto aqui se exerce,  
Nelle está o beija-mão;  
E o beija-mão o alicerce  
Da nos-a constituição,  
E santo dever exerce  
O povo beijando a mão!

Ter o povo soberania!  
Que estofada aberração!  
A' noite sujeito o dia,  
Deus ao demo, o céu ao chão,  
O rei á soberania! . . .  
Povo! ajoelha, beija a mão!

Corramos, filhos do povo,  
Corramos ao beija-mão;  
O espectaculo não é novo,  
E' antiga adoração,  
Corramos, filhos do povo,  
Ao divino beija-mão.

MARINO FALIERO.  
( Do Diario do Povo )

## A' RAPADURA.

Adoro a rapadura, como um noivo,  
Que nos pés se prostra da donzella amada;  
Como, assistendo á missa, o mór devoto,  
Olha, rezando, a hostia consagrada!

Adoro-a, qual perdido no deserto  
De ardentes areaes, sem luz, sem norte,  
O arabe sedento beija a fonte  
Que, encontrada a final, sa va-o da morte!

Adoro a rapadura; tudo esqueço  
Do mundo que deixei, pensando nella,  
Di ei, to mando a ver a namorada:  
— De certo a rapadura inda é mais bella!

Adoro-a; trocaria a Gran Bretanha  
Por uma ilha só de rapadura!  
Em vez de bebedeiras, céo de chumbo,  
Teria um mundo immenso de venturas!  
Adoro as rapaduras, pois sem ellas

A terra só seria um negro inferno,  
—Pudesse uma só não contel-as todas,  
E o piloto fosse eu.... Timão ha eterno!  
(Vida Fluminense.)

### ENIGMA ENCONTRADO EM UM ALFARRABIO.

SONETO.

Fu não sou creador nem creatura,  
Nem fui visto jamais entre os viventes,  
Entre os homens estou e não me sentes,  
No mundo faço a principal figura:

Sou morto e não estou na sepultura:  
Q'eu seja fogo ou agua nunca penses;  
Que sej terra ou ar: tú não intentes;  
Mas entre os elementos me procura.

Bem no meio do tempo, e muito interno,  
No mesmo tempo estou, sem ser passado  
Nem presente, futuro, nem eterno:

Sou primeiro á morrer sem ser gerado:  
Com o demonio estou, sem estar no inferno:  
Estou no e n' n' n' sem me haver salvado.

A' quem o decifrar dá-se um sobretudo de lã-caprina.

### Á PEDIDO.

— Capitão, o seu a seu dono.

— Que duvida!

— No barulho, que houve sabbado em meu hotequim, no largo do Theatro, por occasião do Sr. Athur Benn alugar um carro, succedeu que, na confusão, procurando eu saber os nomes dos desordeiros, alguém me disse que o principal chamava-se Johnston Saunders. Agora, porem, melhor informado, sei que não fu esse Sr. e sim um gerente de uma outra casa commercial.

— Estes enganãos, prejudicanlo a terceiro, não são bons.

### AOS REDACTORES DA —OPINIAO LIBERAL.

O abaixo assignado, filho outr'ora tão mimoso de seu pai, e hoje (cousas da vida) les-humadamente por elle repellido, pe-le-lhes um cantinho de seu jornal para inserir o seguinte soneto, que é o desabafo sentido da orphanidade

Meus respeitoos á imprensa, e creiam-me, etc.

*Libello do Povo.*

Estante velha de um demagogo, que foi,  
25 de Julho de 1868, ( S. Paulo)

### AO AUTOR DE MEUS PAIS, O INGRATO TIMANDRO

SONETO.

Timandro, ingrato pai, que te partiste  
E o filho renegaste infielmente,  
Rejousa no senado eternamente  
E viva eu ca na estante agora triste.

Si lá n'essa cadeira, onde subiste,  
Memoria de um libello se consente,  
Não te esqueças d'aquelle amor ardente  
Com que as paginas minhas imprimiste...

E si vires que pó le me recer-te  
Alguma cousa a dôr, que me deixaste,  
Da magoa, renegado, de perder-te.

Conta a quem, nos meus labios infamaste...  
Que anda o povo a dizer- q'inda ha de ver-te  
Renegar do—perdão—que lhe imploraste.

Por seu filho obediente,  
*Libello do Povo.*

—Passa fora! que brinquedo agrestel

—Arrenegado de tal brinquedo?

—A pachorra d'aquelle melro em trazer  
um papel com tampa para mascarar a cara  
da marigueta para o Gonverno!

—E' uma acção indigna e torpe.

—E que, entretanto se viu de galhofa e  
teve applausos da sucia capalocal.

—Menos d'aquelle logista, que recolheu-a  
em porcalhada e deu-lhe agoa e sabonete para  
lavar-se.

—E lá vão elles debaixo dos apupos da  
caterva molecal, para a ponte dos vapores.

—Ciumadas do Joaquim Parteiro com a  
Martiniãna.

—Falta de policia, digo eu.

—Que ladrão!

Da' neste instante dez tostões falsos a  
mulher e negar descaradamente para não  
receber-os!

—Maldos de vida.

—Assim é melhor ir para a estrada ento-  
car-se n'alguma calla, para de travex atacar  
o viandante

—Ou escondilo n'algum forno de padaria.

—O que, Sr. Theotomo, para morrer as-  
sado?

—Que foi isso, meu pombo rolo?

Sacudiram-lhe o bojol

—Aquelle maldicta gente da Lapiulka, ha  
de me pagar.

V. tambem arisca se a muito! Deixe as  
conquistas amorosas para o ceuro da cidade.

—V. não vê que a illuminação não offere-  
ce garantia?

—O *fiscal* assevera que é boa.  
—Ora sebo! A ganhar e ser obrigado a puxar o cavallo pela mão.

### A politica.

O que é o homem politico?  
E' aquelle homem civil, cortez, urbano e versado nas cousas do governo, isto é estadista

Quasi que ia naufragando,  
Por em politica fallar;  
Mas depois que tomei folego,  
Vou mais outra lhe arrumar.

Não sou politico, ja disse,  
Disso ja devem saber;  
O que quero é com o que  
Os meloes possa comer.

Ora ia naufragando no mar das politicas e assim mesmo não me emendei e continuo a tagarellar.

Em fim vá mais esta.

Civilidade é uma fructa, que os taes politicos de minha terra não comem, salvo quando estão proximas as eleições.

Isto então é outra cousa!!

Com que urbanidade nro conversa hoje um magnata com um sapateiro, ao passo que hontem nem lhe tirava o chapéu!

Vê-se hoje um subdelegado, de ordenança atraz, sentar-se na tripeça do sapateiro, faze-lhe um grande discurso, elevando-o a é a altura de *rei*, e conclaindo:

Si eu fosse um rei que um throno tivesse,

Dava ao sapateiro,

E em sua chapa, logo na cabeça,

Fosse eu o primeiro.

O sapateiro, deixado-se levar pelo canto da sereia, promette-lhe bater a chapa.

Mas não sabe o sapateiro que hontem disse esse mesmo homem, que o elevou hoje a altura de *rei*, que seu filho não se havia sentar na tripeça de um sapateiro, onde se sentavam moleques captivos, e disse isto somente com o fim de ridicularisar as artes.

Mas o sapateiro a isso pergunta:

O que será mais honroso, ser sapateiro ou espião?

E' que o espião ganha dinheiro para mandar bacharelar o filho, e o artista o que ganha apenas chega para remediar suas necessidades.

As artes são o sustentaculo da nação! ..

—Sem artes, commercio e agricultura, não ha nação que se possa sustentar; mas sem bachareis as nações sustentam-se!

E é es e homem, perguntará o sapateiro, que hontem assim fallava, que hoje reconhece a breza nos artistas; e é esse homem, que assim fallava, que hoje senta-se na tripeça do

sapateiro, desconhecendo ser o lugar onde senta-se o moleque captivo, e ali conversa com affabilidade, sem lembrar-se de que a tripeça ou o contacto do sapateiro pode manchar-lhe o pergaminho!

E aqui, charos leitores,  
Apenas me cahe da mão,  
Hei de voltar na politica  
Em uma outra occasião.

—Capitão, escute me.

—Falle.

—Ce to gallego, que n'uma *estancia* andava de tanga, e puchava pelo rabo da enchada...

—Não é defeito..

—Ouça.

...e que agora, vende *carne sem ser secca*, deu para devoto de *S. Bernardino*.

—O que não prejudica a ninguem.

—V. Ex. parece estar prevenido a favor do mono!

—Enganou se: é que a sua accusação por ora não produzi effeito.

—Escute o resto.

Esse estupidarão, entendeu que deve constituir-se em thezoura da vida alheia, sendo elle a crapula e devassidão em carne e ossa.

Quando se embriaga, faz o diabo no becco que foi do *Martins*.

Eu já pelli a *José*, para advertir a esse linguareiro, que deixe de coitar na vida alheia, e não continue a attribuir aos mais, feitos ve gonhosos, como fez com o *Cunha*, porem é debalde, por que elle não se corrige assim.

—E que quer então?

—Que V. Exa. mande o muxingueiro dar-lhe de tacá na larga e repugnante lata, a ver se toma brio.

—Se á feita sua vontade.

—Mas, capitão, é preciso advertir ao rapaz, quando for, que uze de precaução, por que o chulé, que exhala o tabregote, é capaz de suffical-o.

—Não lhe dê isso cuidado.

—Bem; é apenas o preludio da chronica do taful, que depois lhe trarei.

—Um vigario...

—Mau!

...foi chamado para prestar os ultimos socorros espirituaes a uma enferma moribunda residente ha pouco mais de um quarto de legoa da villa.

—Nós estamos na cidade, como é que V. falla em *villa*?

—S... deixe completar minha narração.

—Venda lá esse peixe.

—Facilitou-se ao bom do parochio os com-

molto para a viagem, mas elle recusou-se, dizendo que era longe.

—Excelente!...

—Insistia-la-se, re-larguin que lá não ia e que a enferma podia morrer quando quizesse, porque não era a confissão que a havia de salvar...

Que me diz de tão incomparavel exemplo de charidade e sollicitude pastoral?

—Homem, ha cousas a que minha cachola obstina-se em aceitar como possiveis.

—Este facto é charro na *Ilha das Baleias*.

—Veja em que fica, é villa ou ilha?

—O que quizer.

—Como a cousa é de vontade, tambem o padre estava no direito de não querer ir confessar a enferma.

Veja agora si com essa desculpa tapa a bocca ou não *tapa*...

—...Rica desculpa, porem não me convince.

### TESTAMENTO.

*Em nome do Deo, amen.*

*Verba* 1.<sup>a</sup>—Eu o doutor Vomitorio,  
Que nunca fui bom christão,  
Como fui tambem mau filho,  
Mereço a maldição.

2.<sup>a</sup>—Sinto grave enfermidade,  
Vou fazer meu testamento,  
Em meu juizo perfeito,  
Sem nenhum constrangimento.

3.<sup>a</sup>—Sou autor e director  
Do atrazo da instrucção,  
Pelo que tenho soffrido  
A geral condemnação.

4.<sup>a</sup>—Sem amigos nem parentes,  
De mim todos retirados,  
Esses bens que li je possuo  
Vou dividir em legados.

5.<sup>a</sup>—Aos meus vis adulatorres  
Instituto por herdeiros,  
Dentre os quaes, os mais tratantes  
Serão meus testamenteiros.

6.<sup>a</sup>—O padre Deotolindo,  
Será d'elles o primeiro,  
Chico Chué o segundo  
E Jacaty o terceiro.

7.<sup>a</sup>—Deixo mais para o Chué,  
Si não tocar-lhe a vintena,  
A luneta p'ra que pague  
Os quatro contos ao Senna.

8.<sup>a</sup>—E como sempre viven  
De infamias e trahicoes  
Deixo-lhe o lucro que deram  
Suas prevaricações.

9.<sup>a</sup>—Deixo ao meu fiel caixeiro,  
Por me dar contas tão boas,  
Toda minha hypocrisia  
E as minhas macacoas.

10.—Deixo lá nos internatos  
Uma grande pepineira  
Para o meu fiel poiteiro  
E tambem para o *Gessêra*.

11.—Que aproveitem o que poderem,  
Pois ja não pode tardar,  
Outros meliores que elles  
Que os mandem ir bugiar.

12.—A' elle deixo tambem.  
Por ser homem de pudor,  
Minhas cartas amorosas  
De que foi o portador.

13.—Como prova exuberante  
De um amigo verdadeiro,  
Recomendo que o conservem  
No officio de *onzeneiro*.

14.—Deixo para o Abime linha,  
Porque tem muita ambição,  
Meu logar de deputado  
Na futura eleição.

15.—Deixo mais por garantia  
De sua candidatura  
Minha falta de character  
E toda minha impostura.

16.—Como não devo esquecer,  
Favores feitos á mim,  
Um legado vou deixar  
Ao Manuel Villamain.

17.—Lego o organico sem par,  
De instrucção regulamento,  
De minha douca caixola  
*Feliz parto e movimento.*

18.—Lego mais os meus descaros  
Nas as-emb'leas flidados,  
*Abonos de sapiencia*  
Por todos admittidos:

Para que bem estudando,  
Litterario alto progresso,  
Não faça mais papel triste  
Lá da cõrte no congresso;  
Pois perfeito imitador  
Eu sou de Gons Damião,  
E lingoagem mais correcta  
Outro ter não pode; não!

19.—Deixo para o *Ja combina*,  
Que nasceu ja progressista,  
Quando for desemp'egado,  
O meu logar de chorista.

20.—Ao Sodré que fallou contra  
O atrazo da instrucção,  
Como votou a favor

Deixo a minha tradição.

- 21.—Ao collega *Gustavinho*  
Não só deixo o conultorio,  
Como mais uma ambulancia  
Sortida de vomitorio
- 22.—Um grande cofre de bronze  
Deixo ao *Dantas* por herança,  
P'ra que guarde a probidade  
Com cautella e segurança
- 23.—E' tambem minha vontade,  
Por ser o maior tratante,  
Que ao *Linco* se prefira  
Por meu inventariante.
- 24.—Para evitar os megalos  
Imponho-lhe a condição  
Dos favores que lhe fiz  
Trazer para a collecção.  
Elle pois que se contente,  
Com o torbo do *erario*,  
Que comeu e não mandou  
Para o Sul um voluntario.
- 25.—O collega *Jerominho*  
Sera meu unico herdeiro,  
Dos quadros das *artes bellas*  
De que fui bom thezoureiro
- 26.—Como é de minha alvura  
E á mim todo dedicado,  
Deixo mais o meu retrato  
E tambem este legado:  
Meu chapem preto, os sapatos,  
T ez ceroulas remendadas,  
Um palitot, dous colletes,  
T ez meias esboracadas.
- 27.—Deixo para o *Filgueirinhas*  
O meu grande relatorio,  
Para que reze por alma  
De quem dei o vomitorio.
- 28.—Deixo mais á negra *Helena*,  
Por servir-me a meu contento,  
As peças que ainda restam  
Do meu pouco fardamento.
- 29.—Nada mais tendo á deixar,  
E ja vendo me em artigos  
Quero reconciliar-me  
Com todos meus inimigos
- 30.—Peco pois por charidade,  
Me queira dar o perdão,  
Aquelle amigo e parente  
A quem fiz a vil tração.
- 31.—São esses os meus desejos  
E vontade derradeira,  
Pois bem sei que no inferno  
Tenho já uma cadeira
- 32.—Meu corpo será vestido

De figura de arlequim,  
Levando o chinó e os oculos  
Do *Manuel Villamain*.

- 33.—Meu caixão deve ir aberto,  
E quero ser carregado,  
Por esbirros e galés  
De fardamento encarnado.
- 34.—Não me escape um só moleque  
De talos de bananeira,  
Pois quero que em duas alas  
Marchem sempre á dianteira.
- 35.—O padre Deot lindo,  
Logo atraz do meu caixão,  
Levará grosso lambi  
Entoando o cantecario.
- 36.—Em seguida as carpi leiras,  
Faão grande beveria,  
Minha vida criticando  
E gritando—*Ave-Maria!!!*
- 37.—Não quero ser enterrado  
Em sepultura ou cañeiro  
Quero ser depositado  
No cume da ribanceira,  
Pois ali já deve estar  
Quem tem meu consentimento  
P'ra fazer comi e aos corvos  
Para o meu enterramento.
- 38.—Finque o padre o tal bambú  
Com a seguinte inserção:  
«Aqui jaz *João Pinguinho*  
«Que foi le ventas ao chão;  
«Pequenino em corpo e alma  
«Queria ser um sultão.»
- 39.—Para que meu testamento,  
Não possa ser annullado  
Por progressistas somente  
Pedi que fosse assignado.  
Como irmão do ex-ministro  
Tomo o primeiro logar—*J. D.*  
Eu por ser genro de outro  
Devo aqui já me assignar—*F. D.*  
Como publico empregado  
Serei então o terceiro—*D. C.*  
Eu *Dramond* serei o quarto  
O quinto seja o *Ribeiro*—*O. R.*

APROVAÇÃO.

Saibam todos que este virem  
Que é um publico instrumento,  
De s'leune aprovação  
Do presente testamento;  
Que no anno do reinado  
Do *gove* no do progressio,  
Fui chamado á esta caza  
Onde tive logo ingresso.

Apresentou se me um môno  
Mei pequeno na estatura,  
Asqueroso e repulsivo  
Grande só na impostura.

Deu-me o presente pabel,  
Que diz ser seu testamento,  
Pe lindo que lhe a trovasse,  
O que fia n'este momento.

Não estando entrelinhado,  
Nem tendo vicio ou bo rão  
Declaro que está conforme  
A' vossa legislação.

—Está bem contente, comadre Apollinaria, pois já é tempo de sair ás escolas com o meu santinho; é quando me divi to e sei de tudo que se passa nas casas, e ao mesmo tempo tenho mais dinheiro para as despesas; pois os ganhos do Sr. Chico não chegam para tudo.

—Muito bem, comadre Margarida, é quando nos divertimos mais, tirando nosso vintem ao mesmo tempo e apreciando muita coisa.

Eu desta vez pretendo fazer um bom negocio, porque levo uns ruzarios que Sr. padre da Pielade me deu, dizendo que vendesse a meia pataca, por que são ruzarios de jubileo.

—Ihe, minha V. quando vender diga que estes ruzarios se acabaram no exorcismo do defunto e refeito, e por isso quem comprar, goza uma di zia de indulgencias.

—É verdade, mulher, agora é que V. acertou. V. tem geito para procurar a vida.

—Me diga uma coisa, e eu agora que negocio heid fazer?

—Falta, mulher, em que V. ganhar? arranje uns pedacinhos de panuo e uns retalhos de seda, em casa le seu com o padre Miguel alfaiate, e com um pedaço de papellão faça uns bentinhos, que se arranja um dinheiro e depois pode pelo caminho ir pedindo uma esmolla para enterrar uma moça donzella e mais alguma especulação, de que a gente for se lembrando; mas para isso é preciso que V. vá limpa, com uma capona bonita e seu lenço de bico de roada na cabeça.

—Mas minha capona está áo velha, o Sr. Thomaz não pode fazer esta despesa agora; ha um mez que está orgado. Não sei como ha de ser isto.

—O al p precisa V. fazer capona nova? Que assuial Peja a Suzana lo becco lo Mue un bucho que lhe emp este a della, que está nova e escusa de veixar o homem.

—Pois bem, vou ji prevenir a Suzana, antes que ella saia. Bote o café no fogo que eu ja venho.

## O PATIOBA.

Fui outr'ora liberal,  
Quando aqui nesta ei lade  
Não se tinha a liberdade  
Por bicho do carnaval;  
Mas, co rendo a causa mal  
Com o *progressismo* fui ter,  
Que deu me osso a roer....  
Mais si hoje reina a conserva  
Posso d'zer sem reserva  
Na conserva hei de morrer.

## JUIZES DE PAZ DA CONCEIÇÃO DA PRAIA.

José Caetano Gunes.  
Jeronimo And é Maia.  
Antonio Rodrigues Jambeiro.  
Thomaz d'Aquino Jurema.

## PARA JUIZES DE PAZ DO PILAR.

Angel Candido Pimentel.  
Genezio Affonso dos Santos.  
*Um votante conservador.*

Lembramos aos votantes conscienciosos a reeleição do vereador Francisco Luiz Ferreira.

## ALERTA, POVO ALBERTA!

A' pouco mais de um anno, um certo filalço feito a pressa, tendo sido decretado na freguezia da *Aró de Christo*, não contente com mandar prender a torto e a direito, dando contingent de seu batalhão aos cidadãos que e obra não fossem desse batalhão tiverem a necessaria dignidade de negar-lhe seus votos, que entendia elle que só pelo seu titulo tinha direito e impor, mandava pelos seus esboletas a rombar casas e tirar pais de familias dos braços das esposas e filinhos, invalidos que ja tinham voltado da campanha, enfermos do leito da dor, tendo obtido de ante mão no corral pelo governo do progresso os cargos de policia, para con eguir esse fim; os infelizes, porém encontraram a dedicação dos conservadores, a quem de boa vontade prestaram seus votos, que felizmente poderam evitar que fossem remetti-los para o sul não poupando para isso toda a sorte de sacrificios, pois que estavam em opposição.

Hoje, esse vosso algoz, esse titular tartufo procura á noite vossa habitação, atropela-vos na rua solicitando vossos votos, acompanhando d'aquelles mesmos que eram os aguasis, por quem vos mandava trucidar; vede ahí o braço omnipotente de Deos, que nem sempre guarla o castigo para outra vida principalmente quando com esse castigo quer reparar a offensa ao oprimido.

Não é preciso que maltrateis, como tem feito algum desses que tinto soffreram basta que lanceis no esquecimento e vos de liqueis aos vossos amigos conservados, que tanto fizeram em vosso favor na adversidade e agora que se acham no poder mais precisam de vosso apoio para salvar o paiz (que esse tartufo os seus deixaram na miseria) afim de vos livrar destes grandes impostos que peizam sobre nós e dar-vos occupações donde possais decentemente tirar o sustento de vossa familia.

*O Barão d'Esmeralda.*

### Motte

*Cupido é velhaco e tollo  
Anda nu, não tem camisa.*

### GLOZA.

E' maluco e tem miolo,  
E' descarado e tem sizo,  
Faz asneiras, tem juizo,  
*Cupido é velhaco e tollo,*  
Traz o mundo n'um rebollo  
Ataca aos tigres e tollas  
Planta arroz, colhe sebolas  
E mais ligeiro que um raio  
Empina até papagaio  
*Anda nú, não tem camisa.*

### MOTTE.

*Quem não ama a moça bella,  
Tem pedras no coraço.*

### GLOZA.

E' pedante, é tagarella,  
E' gato, é burro, é tacão,  
Não merece attenção  
*Quem não ama a moça bella.*  
Devemos morrer por ella  
Com toda veneração,  
Quem tem outra opinião,  
De nobre não goza a palma,  
Tem cortiça dentro d'alma,  
*Tem pedras no coraço.*

### PARA VEREADORES DO PARTIDO CONSERVADOR

Commendador José de Barros Reis.  
Proprietario Antonio Dias de Magalhães.  
Dr. Eloy José Jorge.  
Dr. Francisco de Azevedo Monteiro.  
Proprietario Manuel Affonso Paraizo Moura.  
Advogado Manuel Correia Garcia.  
Coronel Raymundo F. de Macedo Magarão.  
Capitão Silvestre Cardoso de Vasconcellos.  
Dr. Francisco José da Rocha.

### PARA VEREADORES.

- 1.º Dr. José Luiz de Almeida Couto.
- 2.º Elpidio da Silva Baccana.
- 3.º Barão de Saubie.
- 4.º Conselheiro Joaquim Torquato Carneiro de Campos.
- 5.º Commandante superior Joaquim Antonio da Silva Carvalhal
- 6.º Dr. Antonio Ezebio Gonsalves de Almeida.
- 7.º Dr. Antonio Emiliano de Góes Torrinho.
- 8.º Dr. Francisco José da Silva e Almeida.
- 9.º Francisco Luiz Ferreira.

### VARIÉDADES.

#### CAPACIDAD DA NATUREZA.

Ao musco de sout video foi offerecido um phenomeno raro, que é um cão com duas enormes cabeças, uma das quaes é tá collocada no lugar da cauda.

O corpo é pequeno. A cabeça que está no lugar da cauda, tem um olho no centro que está pestecendo constantemente, e o animal come por qualquer das bocas.

#### QUAL DOS DOUS SERA' CHAMADO

Um camponeze acabava de pescar um enorme lucio que se debata na relva, abrindo a boca como querendo pedir que se o lançasse no seu elemento natural; chegou neste interim um guarda campestre acompanhado de seu cão

A' vista do peixe o guarda para estupefacto.

— Oh! oh! que bello peixe! Esse lucio morde?

— Experimente. Bote-lhe o dedo na boca

— Nessa nao caio eu! Pod' mes porem experimentar com a cauda do cao.

— Pois experimente.

Meu dito, meu feito; o guarda agarrou no cão e poz a cauda na boca aberta do peixe.

No mesmo instante elle fechou-a; o cão deu um nivo de dor deitan lo a fugir, tanto quanto podia a ligeirza de suas pernas, na direcção da casa do guarda campestre.

Dahi a alguns segundos o cão e o peixe tinham desaparecido com grande admiracao do camponez.

— E esta! Faz-me o favor de chamar o seu cao quanto antes!

— E porque, replicou o guarda, não chama Vm. o peixe?

### ANNUNCIOS.

Quem precisar de uma ama, para carregar creança ou para reger uma casa, dirija-se as Portas do Caro n.º 69.



# O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.  
á rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Serie 71.

Preço d'assignatura—1\$ rs. por serie d 10 numeros, ou 3\$ rs. por 6 series.

BAHIA

5 DE SETEMBRO DE 1868.

N.º 406

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*  
4 de setembro de 1868.

Officio ao Exm. Sr. presidente da provincia ponderando-lhe o seguinte:

Si o motivo, em que se firmou S. Ex. para annullar a qualificação da freguezia de Sant'Anna, foi, o de alguns membros da meza qualificadora, empregados publicos, irem assignar o ponto em suas respectivas repartições e sahirem para funcinar na referida meza, sem previa licença, é claro que esses empregados defraudaram a fazenda publica, e por tanto cumpre que S. Ex. os mande responsabilisar e obrigar a restituir aos cofres o que illegalmente perceberam sem trabalhar.

A justiça exige uma tal deliberação e mesmo para evitar que os mal intencionados andem dizendo que, por pertencer o infractor ao credo politico de S. Ex., foi coberto com o manto das contemplações e passou isso desaperebido.

Espera-se.

—Traz alguma noticia?

—Sim, Sr.

—Pode ir desembuchando.

—Na noite de 30 para 31 do passado, andaram tres soldados a bater pelas barracas de Santa Barbara. Uma velha, que dormia em uma dellas, appareceu, perguntando o

que queriam e elles gritaram que entrasse para dentro.

Amedrontada a velha, foi se deitar.

—Abrevie isso, que está cheirando a massada.

—De manhan, estava arrombada e roubada a barraca n.º 40, levando os ladrões um balaio, quatro milheiros de charutos, quatro arrobas de toucinho e uma saia.

—Bagatella; pensei que fosse cousa mais importante.

—E que conclue dahi, V. Ex.?

—Que nas costas da *policia*, os ladrões passeiaram por lá.

—E eu creio, que quando ella retirou-se, ja o roubo estava feito.

—Tambem é cousa que não duvido.

—Ora essa!

—O que foi, homem de Deus?

—Estavam os irmãos da capella, em que fazem de tudo um *rosario de mysterios*, reunidos em meza e o *Babi* foi denunciar ao subdelegado que elles tractavam de politica e conspiravam contra o partido vermelho, quando os homens tractavam dos interesses de sua irmandade e da prosperidade do culto Divino!

—O *Leandro* já me contou este facto, pelo que foram chamados á presença do subdelegado da freguezia das aves, que comem mamão!

—E' exacto. O subdelegado os ameaçou, não obstante elles declararem que não trataram

de politica, de que, se lhe constasse serem elles contra o governo actual, os mandaria metter na cadeia!

—Então está de pé o despotismo, não tarda levantarem-se as forças pelas ruas!

## Á PEDIDO.

### AO PUBLICO.

Quando eivem por ali mil candidaturas sem razão de ser; quando muitas, que só tem vida pelas pretensões sem direito; quando leem-se nas chapas para as proximas eleições nomes, que na imprensa apparecem pela primeira vez: não podemos deixar de dizer duas palavras sobre dous candidatos, cujos nomes nem um só cidadão ignora, cujos feitos são notoriamente conhecidos por toda a população. Referimo-nos aos Srs. Exm. barão de Saubihe e coronel Carvalhal.

Escutem-nos.

De ambos estes cidadãos, os seus serviços ao paiz, fallam alto de mais aos corações patrioticos para que a Bahia consinta sejam preteridos nas proximas eleições, e preteridos pela prepotencia do governo ou pela indifferença publica.

O primeiro delles, o Exm. Sr. barão de Saubihe, tem dado sobejas provas de seu patriotismo; lembram-se todos da questão ingleza, lembram-se de que alem de sua bolsa, liberalmente franqueada ás precisões do estado, vinte escravos seus trabalharam na reconstrucção das fortalezas; veio depois a guerra do Paraguay e o seu procedimento não mudou—armou à Minié parte do batalhão de Sant'Anna, a marchar para o sul, e contribuiu ainda com dinheiro, e quando, ultimamente a patriótica festividade de nossas glorias preteridas parecia querer ser coberta com o pó dos esquecimento, o patriota, o cidadão illustre, offereceu-se para fazel-a sem interesse algum.

Mas, ainda ali não pára o seu ardente entusiasmo por tudo quanto nos pode dar gloria e importancia; eil-o que inicia a sublime ideia de um monumento commemorador dos brilhantes feitos de nossa independencia; eil-o que se põem a frente dos brasileiros, que veneram no passado a nossa mais brilhante pagina historica.

E depois de tudo isso, que ahí deixamos dicto, qual deve ser o procedimento dos verdadeiros bahianos no dia 7 de setembro?

O Sr. coronel J. A. Silva Carvalhal, veterano da independencia, tem o seu nome eternamente gravado nas laudas da historia desta heroica provincia, nem só pelo seu amor á patria em geral, como pela sua delicacão

especial a tudo quanto recende os divinos perfumes do patriotismo. Vemol-o-ahi, todos os dias trabalhando pelas familias dos voluntarios e pelos invalidos da patria. Quando commandante do batalhão de Sant'Anna, os seus serviços ao paiz foram e são d'aquelles, que o cidadão nunca deve esquecer sob pena de tornar-se ingrato e de ver morrer nos poucos corações ainda hoje dedicados ao paiz o nobre estimulo de todo aquelle, que sita a gloria e o bem estar de seus patricios.

E' por isso, é dominados pela gratidão aos serviços que estes dous cidadãos tem prestado á nação brasileira, que não nos podemos conservar silenciosos, e que empunhamos a penna para traçarmos estas duas linhas.

Essas duas candidaturas, devem-na todos tomar a peito, como candidaturas populares, que são; como mais que justificadas pelo direito, pois si ha quem tenha direito a ser eleito, são por certo aquelles que bem tem prestado ao paiz.

### PREVENÇÃO AOS VOTANTES DA SÉ.

O Sr. Altino Rodrigues Pimenta, 1.º supplente da subdelegacia da Sé, actualmente em exercicio, não pode ser candidato e nem votado para juiz de paz, em vista do aviso explicativo do ministerio do imperio de 18 de agosto de 1864, que muito claramente declara o seguinte—«que não podem ser candidatos nas eleições de juizes de paz e vereadores, os subdelegados effectivos e supplentes em exercicio,» em cujo caso se acha aquelle Sr. Altino, que continúa no respectivo exercicio.

*O capitalista.*

### METAMORPHOSE POLITICA.

Os liberaes de 1863, os homens das chapas abertas, e do celebre directorio da liga, querem ser hoje conservadores; assim já se vê um Saubihe encartar-se em uma chapa conservadora para vereador da camara municipal, outros para juizes de paz, e outros para deputados geraes.

Assim o Rio Vermelho, um dos ligueiros mais acerrimos, sempre prompto na camara municipal a degolar conservadores, procura, e sollicita protecção do governo conservador, para derrotar a chapa conservadora na freguezia de Brotas.

Que homens! Que politicos de meia tijela! Pobre Brasil, onde irás parar com tanto desfaçamento!

E' por isso que se diz que a politica é uma verdadeira traficancia.

*Um do povo.*

**CHAPA LIBERAL PARA JUIZES DE PAZ  
DA FREGUEZIA DE SANTO ANTONIO:**

Dr. José Luiz d'Almeida Couto.  
Major José da Silva Cesimbra.  
Capitão João Carvalho.  
Capitão Antonio Polycarpo Araponga.

**AO POVO.**

Manuel Luiz Barretto Falcão, proposto a candidato para juiz de paz do curato da Sé, declara que, si for eleito, applicará os emolumentos que lhe possam resultar ás sociedades do Monte Pio dos Artistas e Artifices para distribuir com os pobres na forma que as mesmas sociedades entenderem.

**CONVERSA.**

ENTRE UM VOTANTE E LELE'.

L.—Então, V. não vota no barão?

V.—Para que?

L.—Para camarista e juiz de paz.

V.—Não voto por muitas razões; 1.º por que ainda não me esqueci do que fez, logo depois da eleição de 1867; ainda estão vivas as victimas de sua perseguição. João Climaco, Maximiano *Vella grande*, Boiças Martins, Grato, Julio e outros mais que, se não encontrassem o Dr. Americo, Ramos e outros conservadores, estariam hoje no Paraguay; 2.º, por que não posso comprehender como, sendo elle candidato a vereador pelo lado conservador, é candidato progressista ou liberal para juiz de paz; 3.º, por que este moço agora quer ser tudo; 4.º, porque....

L.—Basta, ja sei que V. é conservador, fica anotado.

V.—Não faço caso de suas notas, eu não tenho partido; sou apenas admirador dos homens bons, que, ainda com grandes sacrificios, não deixam seus amigos soffrer; acho melhor que vá cuidar de sua vida e deixe de caballar contra o governo. V. é empregado publico, ao depois não vá chorar na cama que é logar quente.

Apresentamos o cidadão Arnaldo Gentil Bhirapitanga candidato a juiz de paz da Sé.  
*O voto livre.*

**CHAPA POPULAR PARA VEREADORES.**

Thomé da Costa Passos, despachante.  
Tenente Francisco Felix Bahia, proprietario.  
Capitão José Jacyntho Thomaz, despachante.  
Carlos Manuel da Silva, pharmaceutico.  
João Quarenta Portinholas.  
Thomaz d'Aquino Jurema.

Luiz Pedro d'Araujo Pinto.  
José Ferreira Netto.

**CIDADADÃOS VOTANTES DO CURATO  
DA SÉ!!!**

Approxima-se a aurora do dia em que tendes de exercer o mais nobre de vossos direitos politicos; o dia em que na soberania das urnas levantareis hosanas aos mais honestos caracteres, cuja escolha fizédes para curar dos vossos legitimos interesses na judicatura popular.

Cidadãos votantes! não vos illudaes com as lamurias ou ameaças d'aquelles, que por meio de machinações, combinações cabalisticas, ou abuso de authoridade procuram neste curato extorquir os vossos votos, e dispor de vossas pessoas, como de seus escravos! Não, não vos illudais, votai livremente: escolhei caracteres distinctos, cidadãos prestimosos e amigos em todas as épochas; escolhei d'entre aquelles com quem vostendes achado em crises calamitosas por que hemos passado.

Cidadãos votantes! não vos amedronteis com os terroristas, que adrede procuram assaltar vossas consciencias; pois a frente nos negocios publicos desta provincia, se acha um venerando ancião, o Exm. barão de S. Lourenço, cujo tino, pratica e saber, muito garantem a liberdade de vossos votos, confiai pois que é mentirosa toda a ideia de compressão que de proposito se espalha—e assim correi sem medo ás urnas para que se não vos taxem de vendidos.

Eia cidadãos votantes! á urna e não vos esqueçais dos prestimosos cidadãos—

Dr Antonio Ribeiro de Lima.

Fortunato Antonio de Freitas.

Major Antonio José de Souza Gouveia.

Capitão Jovino Cesar da Silva.

**CANDIDATO POPULAR.**

*Jovino Cesar da Silva, a seus illustres comparochianos do Curato da Sé.*

Apresentando-me pela segunda vez, perante a urna desta parochia, sollicito dos meus illustres comparochianos a honra de me admittirem em um dos logares da judicatura electiva.

Estranho as lutas dos partidos e convencido de que empreguei sinceramente todos os meus esforços, para cumprir a missão popular, de que fui investido, tenho com a maior confiança, em meu unico apoio, a estima e benevolencia, com que tanto me honram e distinguem os meus illustres comparochianos, de quem espero e a quem entrego o resultado da minha eleição.

Posso affiançar, dando por garantia os meus

precedentes, que continuarei a tomar por norma da minha conducta, si tiver a honra de ser bem succedido, o exacto cumprimento da lei entre os meus illustres comparochianos.

Não tenho outra aspiração, que não seja a eslima de meus concidadãos.

Bahia 31 de setembro de 1868.

*Jovino Cesar da Silva.*

#### PELO PARTIDO CONSERVADOR

*Para juizes de paz da freguezia de Sant'Anna.*

Dr. Americo de Souza Gomes.

Antonio Pereira Bastos.

Francisco José Ramos.

Lino Porfirio da Silva.

#### ELEIÇÃO DE JUIZES DE PAZ DA SÉ.

Sr. Redactor. — Qualquer que seja a minha opinião ou tendencia nas luctas politicas da actualidade, penso que ha sempre grande inconveniencia publica na exclusão de caracteres competentes por provada honestidade e intelligencia, muitas vezes preteridos na urna eleitoral por força de conveniencias de occasião, determinadas por mero calculo politico.

Por isso, e por que o Sr. capitão Ignacio Alberto de Andrade Oliveira deu testemunhos cabaes, nunca contestados, de idoneidade no cargo de juiz de paz nesta freguezia da Sé, durante todo tempo que o exerceu, peço licença para o apresentar candidato á proxima eleição de juizes de paz por esta freguezia.

Desejo pois dever-lhe, Sr. redactor, a bondade da publicação destas linhas, completando-me este favor com a reproducção dellas transcriptas nos subsequentes numeros ate o dia 7 de setembro.

*Um parochiano.  
(Int. Pub.)*

#### CHAPA GENUINA PARA JUIZES DE PAZ DE S. PEDRO.

Joaquim Torquato Carneiro de Campos.

Antonio Francisco de Aguiar Cardoso.

Elpidio da Silva Barauna.

José Maria de Mattos.

#### JUIZES DE PAZ DA CONCEIÇÃO DA PRAIA.

José Caetano Gomes.

Jeronimo André Maia.

Antonio Rodrignes Jambeiro.

Thomaz d'Aquino Jurema.

Consta-nos que de Carmelo desaparecera um dogue: o qual acamaradara se com uma mula, que tem motivado questão entre os apreciadores: uns dizem que ella tem cauda,

outros affirmam que não; o certo é, que, não obstante a falta de qualquer dessas partes, ella não deixou de apresentar de sua junção brutal tres bixinhos (chamos bixinhos, por que não sei classificar a produção de mula com cachorro.

Esse animal sacrilego, existe hoje com toda sua cafila n'um presidio no pinearo d'um morro em S. Paulo, onde desempenha uma missão incoherente á sua natureza: em vez de ladrar, em defeza da fazenda de seu verdadeiro senhor, por uma ridicula paga de um soldado idiota, e em cumprimento das ordens da rainha Sabá, ladra em uma gazeta, atassalhando o credito do digno maior Anjo, e de sua honrada familia.

E o mais é, que esse cão tambem ladrou a um frade, por de trás, na duvida do que encontraria pela frente.

Todas as vezes  
Que o cão ladrar,  
A mula baia  
Ha de pagar.

Ou seja do padre,  
Ou do sachristão,  
O animalzinho  
Está em leilão.

#### CHAPA SEM MFSCLA DO PARTIDO CONSERVADOR.

Commendador José de Barros Reis.

Proprietario Antonio Dias de Magalhães.

Dr. Eloy José Jorge.

Dr. Francisco de Azevedo Monteiro.

Proprietario Manuel Affonso Paraizo Moura.

Advogado Manuel Correia Garcia.

Coronel Raymundo F. de Macedo Magarão.

Capitão Silvestre Cardoso de Vasconcellos.

Dr. Francisco José da Rocha.

#### PARA JUIZES DE PAZ DO PILAR.

Angelo Candido Pimentel.

Genezio Affonso dos Santos.

*Um votante conservador.*

Lembramos aos votantes conscienciosos a reeleição do vereador Francisco Luiz Ferreira.

#### PARA JUIZ DE PAZ DO CURATO DA SE.

Recommendamos aos cidadãos votantes desta parochia o cidadão Pedro Alexandrino Ribeiro Moreira.

*Um votante.*

Segunda feira de manhan distribuir-se-ha um numero do *Alabama*, tratando de assumptos eleitoraes.



# O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.  
á rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Serie 41.

Preço d'assignatura—4\$ rs. por serie d 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

10 DE SETEMBRO DE 1868.

N.º 407

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*  
9 de setembro de 1868.

#### REQUERIMENTO DESPACHADO.

O engenheiro da Capellinha, pedindo ser nomeado administrador da fabrica inaugurada em sete de setembro.—Indeferido, por ter caloteado o estabelecimento em 18\$000 rs, e por ter ido beijar a *S. Lourenço* com o facto do *Mané Carias*.

—Estão se procedendo ás eleições populares.

O processo tem corrido mais ou menos em paz em todas as parochias, a excepção de uma outra provocação.

—Algumas freguezias, como a Rua do Paço, Pirajá, etc., já concluíram *placidamente* seu trabalho.

—Depois que chegar o detalhe dos nossos agentes espalhados pelas diversas freguezias, daremos succinta noticia do occorrido.

—Como é que a policia dá licença para semelhante bacchanal dentro da cidade?

—E' uso.

—Uma casila de mulheres desenvoltas, á pretexto de suffragarem a alma de uma, que morreu, reunem-se na rua dos Capitães na

mais desenfreada orgia, com licença da policia, e o resultado é que, depois de embriagadas, sahem para a rua a acabar o pagode em bofetadas.

—O espectaculo é revoltante e immoral na verdade.

—E a policia, em vez de procurar acabar com essas praticas grosseiras, herdadas pela ignorância e superstição africana, é a primeira que as consente!

—Entretanto a Joanna de Acrimane, antes de morrer, pediu que não queria candomblé no seu funeral.

—Que gente desnaturada!

Alem de enterrarem a creança no monturo da Ordem 3.ª, o fizeram por tal maneira que os cães foram capazes de desenterral-o!

—Ha muita miseria por ali, muita falta de meio.

—A charidade ainda não desapareceu de todo desta terra.

—Dito assim, é muito bonito; mas vá ao vigario pedir uma guia para ver o esfusilhote que elle lhe passa, quando não se negue a dal-a; e hoje ja ninguem dá esmolos para enterro, por causa das especulações. Não creia que haja mãe, que tenha coração de aliraro corpo de seu filho no monturo como uma immundicie, somente por malvadez.

—Mas podia ser algum desherdado da sorte, confiados aos cuidados de uma dessas almas embrutecidas, a qual para evitar despezas praticasse tamanha impiedade e selvageria.

—Sim, ou mesmo a consequencia de algum erro.

—Como for; o subdelegado da Sé, logo que teve noticia, no sabbado, mandou conduzir o corpo para o hospital para dahi ser enterrado.

—Capitão, responda-me a isto:

Um vigario, indo abrir o Sacratio, a chave emperrando-se depois de muito trabalhar, disse impaciente—*que diabo estará aqui dentro!*—o que é esse homem?

—Um blasphemador iniquo, um impio, um corrompido.

—Mais outra:

Um dia, sabindo o Sacramento, ao recolher-se, bateu o menino, que levava a cruz, com ella na ombreira da porta, então grita elle la debaixo do palio—*assim levam o diabo as cruces desta freguezia.*

—Sacrilégio!

—Mas, espere, capitão, a hypothese que figurei não se deu com um vigario desta cidade, a quem eu, por alguma consideração, não queira declarar o nome.

—Nem eu sou arcebispo para tomar conhecimento do facto.

—Coitado! que desgraça.

—Quanto sangue! O que é aquillo?

—Aquelle pobre rapaz é carapina. Estava trabalhando e saltou lhe um pedaço de prego na menina do olho, que o poz naquelle estado.

—Pobre e mal-aventurado artista! fica cego.

—O que lhe vale é que o seu officio é daquelles, em que se pode trabalhar com um olho so.

—A eleição de meninos foi uma arma de opposição de que se serviram os vermelhos em 63 contra a policia; hoje são os vermelhos que promovem e tomam parte na eleição dos meninos, insuflando-os a se molestarem mutuamente.

—Cousas do mundo.

—Eu não sou partidista, ja tenho dito, mais não gosto de ver praticar hoje, o que se reprovou hontem.

Que no domingo se reunissem na roça do Sr. Ramos mais de 300 meninos, para procederem a uma eleição, não admira; mais que ella tomassem parte homens *muito conhecidos*, com o fim de insinuar os ditos meninos a se esparem, como de facto aconteceu, é o que pasmo!

—E a policia para que consente?

—Si os paes, que devem velar na educação

de seus filhos, toleram que elles venham para casa todos arranhados, quanto mais a policia!

—Deixal-os; é assim que se preparam cidadãos prestantes ao paiz.

—O tal brinquedo de phelippes tem o que se lhe diga!

—Authorisa a muita cousa.

—Certo dono de casa, acordando uma madrugada destas, foi dar com um melro na cozinha.

—Fazendo o que?

—Eu sei la!

—Esta é uma de juden.

—O cujo, vendo-se embaraçado, não achou outro meio de safar-se da rascada senão gritando—*meu phelippe, bons dias.*

—E justificou-se.

—Que duvida!

—Antes elle fosse esperar á porta da igreja na missa de madrugada.

—Mas elle adopta a lei do propheta e nós aqui não temos *mesquitas*.

—Bem, ja comprehendí.

—Estão prezos o Antonio Desiderio, Antonio dos Invalidos e outros socios da companhia do olho vivo por um *gamado*, que fizeram nos bolsos de um tabareu em nada menos de 600\$ rs.

—E' uma praga inextinguivel essa do olho vivo.

—O Antonio dos Invalidos, alem de rato-neiro, tem queda para assassino. Ha pouco, andou mostrando uma faca e dizendo que era para rasgar a barriga de um empregado do *Alabama*.

O ameaçado queixou-se ao Sr. Dr. Mendes, que se achava dirigindo a policia, mais S. S. não deu apreço á queixa, depois de prometter a um seu amigo, que ia dar providencias.

—Não se assuste; quem quer dar, não promette.

—Meu charo, cantella e caldo de gallinha nunea fez mal a ninguem.

—Pois dirija-se ao Dr. Assis que elle não olha considerações quando tem de cumprir a lei.

—Tome esta, que é de estudante!

—Meia volta a direita, marche!

—Ouça, se quer?

—Prosiga.

—Sabiram no domingo os conservadores, precedidos de uma banda de muzica, a percorrerem as ruas da freguezia, e ao chegarem ao Maciel, junto á uma casa de uns academicos, um delles veio á janella e bateu

palmas. Um grito de pára ouviu-se dos conservadores, afim de ouvirem o estudante, por que suppunham ser alguma poesia, que elle ia recitar elogiando o partido.

Depois de algum momento de silencio, o estudante indireitou a gola do paletot, com que estava vestido, em ar de quem queria recitar e disse:

«Viva o *Mané*,

Cahiulhe a sopa no *mé*....

Viva o dia Dous de Julho!

Viva o batalhão do França Guerra.»

— Cá... cá... cá... cá!

Esta só mesmo de estudante!

—Então teve, ou não teve *spirito* a pilheria?

—E muito *spirito*. O estudante teve algum alcance quando isso disse.

Hontem os conservadores censuravam os progressistas porque andavam de muzica na frente, percorrendo as ruas das cidades, em tempo de eleições. Hoje são os conservadores que assim praticam.

—E porque fazem hoje o que hontem censuraram?

—Porque *cahiulhe a sopa no mé*, como disse o estudante.

### LA VAE VERSO.

Em horas nocturnas,  
Ja tudo dormia,  
Só eu recostado,  
Velando jazia.

O somno fugiu-me,  
Não pude agarral-o,  
Debalde tentava  
Reconciliar-o.

Accendi uma vella,  
Saltei do colção,  
Calcei os chinellos,  
Enfiei o gibão.

Abri a janella,  
Suspendi a vidraça,  
Olhei para a rua,  
E vi, não é graça:

Um vulto de homem,  
De capa embrulhado,  
Em pé na esquina  
Com chapéu desabado.

Para que allí stava,  
O que elle queria?  
E' o que eu ignorava,  
O que eu não sabia.

O velhaco escondeu-se,  
(Sentiu-me à janella)  
E eu disse comigo  
«Aqui ha mazella.

Desci a cortina,  
A vidraça arriei,  
E por dentro do vidro  
Então espiei.

Abriu-se uma porta,  
Um vulto espiou  
E outro da esquina  
Por ella enfiou.

Passou-se uma hora,  
E eu espreitando.....  
Vi o dono da casa  
Da rua chegando.

Que é isto, meu Deus!  
Pois á esta hora,  
Entra gente extranha  
Stando o dono fóra!

Quero ver, disse eu,  
Esta obra em que dá,  
Macacos me mordam  
Si não é cousa má.

Espreitando fiquei,  
Espreitando inda estou,  
O vulto sahiu  
E o gallo cantou.

### Á PEDIDO.

—Ja estou com os ouvidos atordoados de ouvir queixas desse animal a que chamam Marcos Rabeca.

—Que cousinha safada!

—Dizem-me agora que, no sabbado a noite, indo duas senhoras pela rua de Mizericordia, o biltre tivera o arrojo de as insultar.

—E tambem não lhe disseram que uma dellas, vendo-se assim ultrajada, deu-lhe uma tremenda bofetada, que lhe tirou can-deias dos olhos?

—Sim e que, depois de severa licção, a rapazeada cahiou sobre elle que o fez ir vendendo azeite as canadas.

—Assim mesmo o caboleté não se emenda.

### A politica.

Sr. redactor.—Muito tenho magado sua paciencia, e a de seus illustres leitores, com os meus insulsos e rudes artigos; mas peço desculpa, e tambem a elles, para voltar á politica.

O caso agora, leitores,  
E' de fazer arripiar,  
Do orgam official,  
Agora vou me occupar.

Como fallei em orgam, talvez pensem os leitores que é algum orgam que o governo

mandou buscar para divertir o povo com o seu melancolico som; mas enganavam-se si assim pensassem, porque é o contrario, é o orgam gazeta, é o *Jornal da Bahia*, que hontem criticou o *Diario*, por publicar em communicado um artigo do Sr. Dr. A. A. Guimarães, respectivamente á maneira porque foi tratado pelo governador da provincia, sendo tachado até de *pé ligeiro*, dizendo que o *Diario* tinha publicado, em communicado, um pasquim que para lá mandara o Sr. Dr. Guimarães, e pedindo ao publico para avaliar a opposição feita pelos liberaes progressistas.

Hoje é o *Jornal da Bahia*, o orgam official, que se lava em *agua de rosas*, publicando debaixo do titulo de—*publicações diversas*—um artigo intitulado—*o bacharel provincial*.—

Querem porem os leitores apreciar este *padrão de gloria* do *Jornal da Bahia*, digno da penna que o traçou, em defeza do Exm. Sr. barão de S. Lourenço, não mandado por elle, mas por algum lambe pratos govenamental, que só trata de *coroal-o de flores*?...

Lêam:

«Então, o homem é, ou não é. . . .?»

E si não que o diga o apparato na epigraphe da correspondencia, com que se estendeu hontem muito impertigado entre as *diarias* columnas!

O seu titulo de noutor (modestamente exaggerado) e o seu augusto nome, precedido de um respeitoso Sr. tudo em versalêtes!

Só lhe esqueceu o *provincial* apanagio. . . mas isso não pode deixar de ter sido salto na typographia.

Sr. Albino, tenha paciencia, mande reproduzir o artigo amanhã, e tome cuidado em que não se dê outro salto no nosso provincial doutor.

Bravo! agora sim! E' como deve sempre andar! todo recamado com os seus titulos e brazões!

Si não fosse á palacio n'aquelle nefasto dia, *en bourgeois*, estava livre de chincar o tremendo susto, que lhe pregou o Sr. barão de S. Lourenço.

Mas augusto doutor, V. Ex. está bem vingado!

Como não ficaria o Sr. presidente ralado de remorsos quando o viu revestido de todas as suas prerogativas?

Bem feito! e para d'aqui em diante saber tratar com mais mimo aquelles que la forem ralhar com elle!

Entretando aqui para nós, pedimos-lhe, não porque lhe supponhamos medo, quando n'es-se memoravel dia deu provas de marcial arreganho; mas porque esses choques a quei-

ma roupa podem chamuscar-lhe o systema nervoso; pedimos-lhe por vida de quem quer mais bem, que, quando sentir-se com cocegas de advogado embique antes para o convento dos franciscanos, onde ha de ser muito bem recebido, e onde pode prestar seus serviços bem bons!»

Então que tal acham a defeza feita á S. Ex.?

Ha por ventura governo algum que consinta ser publicado em sua defeza semelhante porcaria?

De certo que não!

Si fosse, Sr. redactor, publicado um artigo destes em uma gazeta pequena, dizia logo o *Jornal da Bahia*, mesmo no tempo que elle era *gaita de folles*, antes de passar a *orgam*, que tinha sido publicado em um pasquim um escripto diffamatorio, contra um honrado character, um deputado provincial, um representante da provincia!

Mas não se poderá dizer hoje a mesma cousa do *Jornal*?

Não se poderá dizer que o *Jornal*, depois que passou de *gaita* á *orgam*, converteu-se em pasquim, publicando estas porcarias?

Parece-me que sim!

Agora, si o Sr. Dr. Guimarães publicasse tambem debaixo do mesmo titulo de publicações, no *Diario*, uma remessa igual, relativamente a negocios de *enfeites de cabeça*, era mau!

Não, não era, porque dentada de cão, curasse com o cabello do proprio cão!

Mas, o Sr. Dr. Guimarães não o deve fazer, porque não está isto no seu character de homem honrado, tanto mais sendo um homem escolhido pelo povo para representar a provincia!

Que gente, meu Deus, perdoae-lhes que não sabem: o que fazem!

---

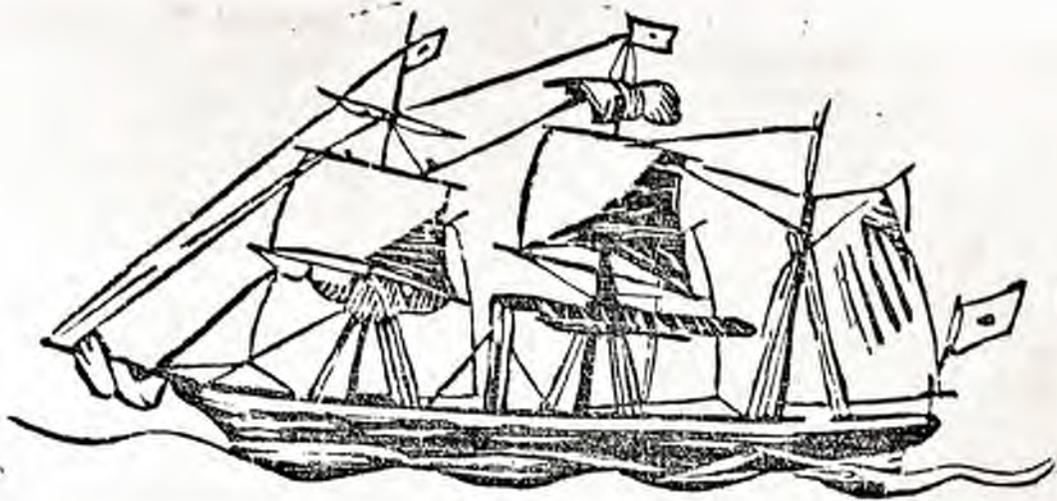
## ANNUNCIOS.

---

Roga-se ao Sr. J. M. B. L., com venda na freguezia de Sant'Anna, que venha á rua dos Capitães para tratar do negocio de um relógio de ouro, que foi empenhado pela quantia de 15\$ rs., cuja quantia já está paga, e o mesmo Sr. vendeu o relógio, avaliado em 60\$ rs. e o mesmo passou um fica para pagar em 30 dias e até o presente não appareceu. Bahia 2 de setembro de 1868.

Deseja-se fallar com o Sr. Antonio Joaquim Rosendo, na venda n. 51, á Quitandinha, ou no chafariz de S. João, em Santa Barbara.

Quem precisar de uma ama, para carregar creanças ou para reger uma casa, dirija-se a Portas do Carmo n.º 69.



# O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.  
à rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Serie 41.

Preço d'assignatura—4\$ rs. por serie d 10 numeros, ou 3\$ rs. por 6 series.

BAHIA

12 DE SETEMBRO DE 1868.

N.º 408

## O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*  
11 de setembro de 1868.

Não houve expediente.

—Que gente, meu Deus!

Especularem com o estado de pobreza de um moribundo, para comprar-lhe a consciencia!

Quem foi capaz de ir ao leito do soffimento tentara um miserando, que luctava com as vascas da morte, prestes a comparecer ante o Juizo Supremo, do que mais não será capaz?

—E' Satanaz perdendo as almas.

—E' o ultimo degrau do aviltamento e degradação da humanidade!

—Mas isso tudo a que vem?

—O Sr. não entrou hontem na Sé?

—Não.

—Si entrasse, veria, encostado ao altar de Santo Antonio dos Pobres, um esqueleto semivivente. Era Francisco Candido Vieira, maior de 70 annos, morador á rua d' Ajuda, phthisico no ultimo grau, que ha tres, dias recebeu o Sacramento da Extrema-Unção, que para alli fôra carregado em braços, para dar seu voto nessa saturnal, a que chamam eleição, comprado por quatro mil réis, que não lhe pagaram!

—Viva a liberdade do voto, meu rico!

—O infeliz, atacado pelo abalo do cami-

nho, por duas vezes pediu, com voz arrastada que o levassem para sua casa, mas os deshumanos não se commoveram, nem se envergonharam de acção tão baixa e o fizeram esperar até a chamada do quarteirão em que mora.

—Barbaros!

—Para eterno padrão de gloria de quem a praticou, felizmente, estava presente o Sr. Dr. Fernandes da Cunha.

—Camboatá é que suja agua.

—E alma ruim é que faz visagem.

—Ora veja que acção torpe e pequenina, tão pequenina como a alma do sandeu que a praticou.

Na terça-feira, indo o Exm. Sr. Doz. Luiz Antonio á freguezia de Sant'Anna, começou o povo a victorial-o; um desses entes rasteiros, que só podem ter de grande o immenso e saliente bojo, pelo qual se tornam conhecidos, poz-se a dar *porrutos*, julgando com isso poder entibiar o legitimo entusiasmo popular.

—Deitava pela bocca o que lhe cresce no estomago.

—Forte azemola!

—Não dê cavaco, si eu, ao passar junto de um sendeiro, receber d'elle um couce, não tenho de que me admirar.

—Tão mesquinho e vil procedimento deve envergonhar aos que tem por correligionario individuo tão baixo e ridiculo.

—Cousas, cousas.

Tambem na Sé, quando elle recebia ovações, houve quem desse foras.

—Sei quem foi; um birbante que, apezar de sua patente, ia para ali provocar, e que hontem, guardando um grosso cacete na loja do capitão Benjamim, dizia:—*garde este porrete, que acabou de bater nas costas destes liberaes safados.*

—Alludia a um pequeno conflicto, que houve, e de que elle aproveitou-se para dar caetadas a torto e a direito.

—Que moralidade de homem! sahir de sua casa com cacete para brigar!

—Os excessos, venham donde vierem, são reprovaveis; mas, parece que, quando praticados pela opposição, ha uma certa desculpa, pela desigualdade na lucta; porem, que os chamados governistas sejam os incitadores das desordens é cousa inqualificavel.

—E em cima se inculcam de moralisadores!

#### A BUSCA D'AGUA NOS CHAFARIZES.

—Ora, não se dá cousa assim!... forte desaforo! pois estas negrinhas não deixaram a casa ficar sem agua?

Grita raivosa D. Quiteria, indô ver os potes e achando-os vãos. Comtudo, suas duas negras, ha boas duas horas, foram ao chafariz, que é bem perto de casa. Que diabo fazem ellas no chafariz, ha tanto tempo!

A busca d'agua nos chafarizes, para negras que vivem empregadas no serviço de casa, é una felicidade, que ellas apreciam em extremo, e por isso, quanto mais ali se demoram, mais gosto sentem, ainda que em chegando em casa levem pelas ventas algum bofetão da senhora.

Os chafarizes são para as pretas captivas o *rendez-vous* de seus amores, o lugar onde desabafam as raivas dos senhores e senhoras; a sala de visita onde recebem as amigas, o escriptorio onde pagam suas dividas de ciúmes e tratam em magna sociedade das acções, que vêm praticar em casa. Negros e negras, de bons e maus senhores, alli se encontram, e grandes cousas se decidem, enquanto corre a agua da bica com doce e suave murmúrio.

Não é pois raro ver muitas vezes, em um mesmo chafariz, uma negra que se derrrete para o seu Adonis côr de carvão, e lhe dá desculpa de não ter vindo na vespera ao chafariz, porque foi com sua senhora passar o dia n'uma casa: outra que briga, profere palavradas e rasga a companheira, porque lhe empurrou o barril para fora da bica: uma que enche o pote chorando e rogando pragas ao senhor, que lhe deu uma esfrega de respeito: outra, finalmente, que, em companhia

das amigas, como si ninguem a esperasse em casa, como si ali só tivesse vindo para palestrar, relata os namoros da yayasinha, as cabelleiras de seu senhor, e as fugidas que faz o sinhôsinho de casa, á noite, sem que ninguem saiba, para ir dormir fora, julgando todos de casa dormir elle em seu quarto bem socegado. São scenas estas todas proprias de um chafariz, e que fazem, por consequencia, com que não voltem as negrinhas de D. Quiteria.

Essas negrinhas tinham ido ao Terreiro, e lá estavam demoradas, querendo dar a sua senhora os privilegios de papagaio, por isso que a deixaram sem agua em casa.

—Não sabe V., tia Violante, dizia uma dellas no chafariz, o que aconteceu em casa?

—Que foi?

—Sinhasinha tanto andou, até que achou.

—Que foi que ella achou?

—Ora, gentes, V. não sabe o que foi não? Foi na chuva e molhou-se.

—Está bom! nunca ninguem me disse isto!

—Pois bem! achou, e meu senhor inda não sabe de nada. Eu ouvi minha senhora estar dizendo que sinhasinha hade casar. Si yoyô Cazuzza não quizer, que ella então conta a meu senhor.

—Que está me dizendo! Germãna, V. tome sentido. Olhe, negocio de branco é negocio fino. Toma sentido, negrinha!

—Deixe estar, tia Violante, eu que me importa? Cousa de branco é cousa de branco.

—Tia Nicacia, adeus, dizia a outra, minha senhora está bem zangada. Vm. não leva roupa nem nada. Meu senhor já brigou.

—Negrinha, và s'embora, V. não sabe que está dizendo.

—Está bom, que me importa!

E ambas, depois de havorem pauteado bem, lá vem com o pote na cabeça, pelas Portas do Carmo, bem a seu gosto, e no caminho se derretendo com os tios, que foram ao chafariz tambem encherem seus barris; e antes de chegarem á casa inda fazem meia duzia de paradas e contam meia duzia de historias, até que chegam e se desculpam dizendo que havia muita gente no chafariz, que as bicas estavam occupadas e que os galés tomaram conta dellas; e outras carevias semelhantes, que uma pobre dona de casa não tem remedio sinão aturar.

A busca d'agua nos chafarizes é uma cousa agradavel para as negrinhas de casa, e dá não poucos cuidados a certos donos de casa, que parecem não dormirem para fazer sahir os negros para a fonte, logo as quatro horas da madrugada, o que para negros é bem duro, porque faz frio; e dizia a velha Monica, velha

que podia ser citada como um compendio de dictados, que, si os pretos soubessem que no cou fazia frio, nenhum queria ir para lá.

E' raro tambem, encontrar uma negra que indo ao chafariz não vá cantando. Parece que buscam nas cantigas de seu paiz. si são africanas, allivio para as fadigas do trabalho, pois é de suppor que sintam este carregat de agua todos os dias para os dois etresbanhos, que toma sua senhora e a lavagem da roupa de casa. Quem morar em caminho de chafariz ouvirá muita vez, estragadas, estropiadas e horriavelmente desfiguradas, as bellas e sentimentaes modinhas, postas na bocca das creoulas do paiz. Escutando-as a sinliá moça, quando as cantá no seu piano, dir-se-hia, que buscam o caminho do chafariz, onde ao menos são livres para ensaiar-as e cantal-as, conforme mais ou menos lhes ficou em memoria.

Ha ainda alguém que muito aprecia a busca d'agua, ou necessidade que tem os senhores de beber e lavarem-se, e este alguém, é a turba magna de capadocios, que se ajuntam nas fontes para fazer as suas conquistas. Esses heroes da boa vida, da vida sem cuidados e para quem tudo está bem, vão ao chafariz, para se divertirem, como vae um moço de educação ao theatro para ver a sua namorada, ou como passa um amavel pela rua de seu bem, para rasgar-lhe um cortejo. No chafariz pauteam, dão risadas e fazem muita cousa mais que fica em silencio.

—Oh! o buscar agua no chafariz é uma felicidade para as negrihuas de D. Quiteria!

### Á PEDIDO.

- Capitão, e esta!
- O que é, rapaz?
- Estou de queixo cahido.
- O que lhe aconteceu?
- Venho agora da Sé, onde presenciei um facto, que me fez perder a tramontana.
- Sem preambulos, diga o que é.
- Altercando o Dr. Altino com um sujeito assim com ares de zaranza, rompeu por estas palavras:—«Sr. Barata, meça a distancia que nos separa; veja que eu sou um bacharel e V. um simples artista.»
- Sim?!
- Bem diz o ditado que ha males que vem para bem. Si não se dá este incidente, eu não sabia que artista em nossa terra só tinha prestimo para dar voto a bacharel.
- Ora V. dando pezo a estas cousas, que não passam de exaltação de eleições. E depois o Dr. Altino ainda é creança.
- Ah! meu capitão, quanto mal me fez

meu pae em não empregar todos os meios para me dar um pergaminho!

### UM PEDIDO

Ao Illm. Sr. tenente-coronel commandante do 1.º batalhão de infantaria da guarda nacional, para que dê suas ordens; afim de que seja pago de seu soldo; o 2.º sargento J. Pereira de Castro, aquartelado até 17 de agosto p. p.; dia em que foi dispensado do serviço por ordem do commando superior, e não sendo justo que esteja elle até hoje no desembolso, quando acredita que os cofres publicos já dispenderam a necessária quota para seu pagamento, pede a S. S. ordens para que seja elle effectuado quanto antes.

—Capitão, o muxingueiro está desoccupado?

—Para que, meu chiaro?

—Para ir até o becco da *Aguilhada*, metter o calabrote na cara do cynico e immoral caixeiro da taverna que alli ha.

—Para corrigir a torpeza e bandallice, nunca ha impecilios á bordo deste navio.

—Então é um serviço que V. Ex. presta a moralidade publica.

—Comtudo, desejo apreciar o motivo de sua queixa.

—Aquelle desavergonhado e bregeiro tem prohibido, com sua devassidão, que as familias da ladeira da *Doença* possam chegar á janella. Sem respeitar a decencia, faz da tasca de que é caixeiro, covil de tudo quanto é vadio e mulher ociosa e ahi pratica as mais indecentes e reprovadas acções.

—E o amo não sabe disso?

—O amo não sei que diabo de *intima familiaridade* tem com elle, que fecha os olhos a todas as suas depravações, apesar das repetidas queixas que tem recebido contra o insolito procedimento de seu caixeiro.

O bargante intrigou-se com uma familia, porque obstou a que elle andasse á noite, pulando a cerca do seu quintal para ir ter com as escravas de certo visinho, e então desabafa-se em mandal a insultar atrozmente pelo sequito que ajunta na pusilga. Alem dos gestos e torpes acionados, que são dirigidos, um dia destes teve o inaudito e intoleravel atrevimento de mandar um moleque arriar as calças e pôr-se em attitude de *panno d'amostra*, para a dita casa, o que, comprehende V. Ex., offende geralmente o pudor de todas as familias do logar.

—Mas o Sr. deve se dirigir ás authoridades competentes.

—Eu confio em V, Ex.

—Agradeço-lhe. Vou já expedir terminan-

tes ordens para pôr um paradeiro á tão irregular procedimento.

—E eu prometto voltar á V. Ex. com certos documentos a respeito do amo do tal casmurro, que provarão que a moralidade d'elle está em perfeita identidade com a de seu caixeiro.

—Esta só da cachola do Sr. Dr. Altino!

Pois o Sr. Dr. Altino dizer ao Sr. Barata que medisse a distancia que os separa, visto que elle era um bacharel e não um artista!

—Quem disse isso, foi o Altino?

Um homem, que, ainda hontem pedindo votos ao Sr. João Bispo, disse que era conservador, mas tinha um coração liberal, que considerava todos os homens seus eguaes!

Ora creia-se nesta gente!

O Sr. Barata não podia bacharelar-se, por que o pae deste artista não *leu a historia do turo azul*.

Ja uma vez disse esse bacharel, quando se casou, que, si tivesse filhos, não haviam sentar-se na tripeça do sapateiro; hoje manda o Sr. Barata medir a distancia que separa o artista do bacharel. Mas isto so se ha de ver no Brasil, onde os artistas são disprestigiadas por esses bachareisinhos.

—V. está muito afogado; veja que o homem hoje é subdelegado.

—E que me importa com o odio do Sr. Dr. Altino?

Quando se trata de disprestigiar as artes, eu fecho os olhos a qualquer consideração.

—Bravo! E' assim que deve ser o artista honrado.

Vamos esperar pelo Sr. Dr. Altino nas proximas eleições.

Sr. redactor.—O abaixo assignado faz publico, que tendo uma sobrinha de nome Joanna, a qual o abaixo assignado coadjuvou para se casar, a bem de honral-a, como justamente casou-se, na casa do abaixo assignado, tanto porque o marido já se não queria casar, e tambem por ter posto a corôa de Nossa Senhora na cabeça do filho da referida sua sobrinha, e a mulher do abaixo assignado foi quem o levou para a egreja e o criou com todo mimo até a idade de seis annos, e como o dito menor se achava doente de sarampo, nem só este como mais dous filhos desta sobrinha e o marido della, ha mezes doente de cama, a mulher do abaixo assignado pediu para ir ajudar o tratamento destes menores, visto a dita sobrinha estar só.

Com effeito, o abaixo assignado levou sua mulher no dia 30 de agosto p. p. e lá esteve até o dia 5 do corrente.

O agradecimento que essa féra, que se não pode tratar por outro nome, e mesmo por tyranna, vibora, piranha e cainana: visto esta féra se envenenar no referido dia 5 e dar na mulher do abaixo assignado, tendo elle deixado em sua confiança por ser sua sobrinha e comadre, o pago que deu foi espancal-a depois de envenenada, com cinco dentadas: duas no peito, uma no seio direito, uma no braço direito e outra no dedo da mão do mesmo braço; todas estas perigosas, achando-se a offendida em perigo de vida, alem das mais contusões que fez na face e no corpo da mulher do abaixo assignado. Sendo este facto acontecido na rua de S. Miguel, ás 10 horas da noite, por isso o abaixo assignado leva ao conhecimento do publico a ingratição desta féra. Bahia 10 de setembro de 1868.

Antonio Dias do Amaral.

## VARIÉDADES.

### CÃO INTELLIGENTE.

Conta uma folha-franceza que ha em Pariz um sujeito, que tem um cão tão intelligente que sabe ir diariamente a um dos kiosques do bairro das Tuilherias comprar o periodico *Union*, entregando ao vendedor o dinheiro que leva embu-lhado em um bocado de papel.

Mas ainda ha mais do que isso. O dono do cão fallava dessa prenda a certo amigo, e como este lhe dissesse que poderiam enganar o animal, respondeu:

—Mas elle não se deixa enganar.

—Imagine que lhe dão outro periodico.

—Não pega n'elle.

—Experimentemos.

Com effeito, o amigo foi ao kiosque, e concertou com o vendedor de periodicos que apresentasse ao cão ao mesmo tempo a *Union* e o *Siecle*.

Então o dono do animal disse a este:

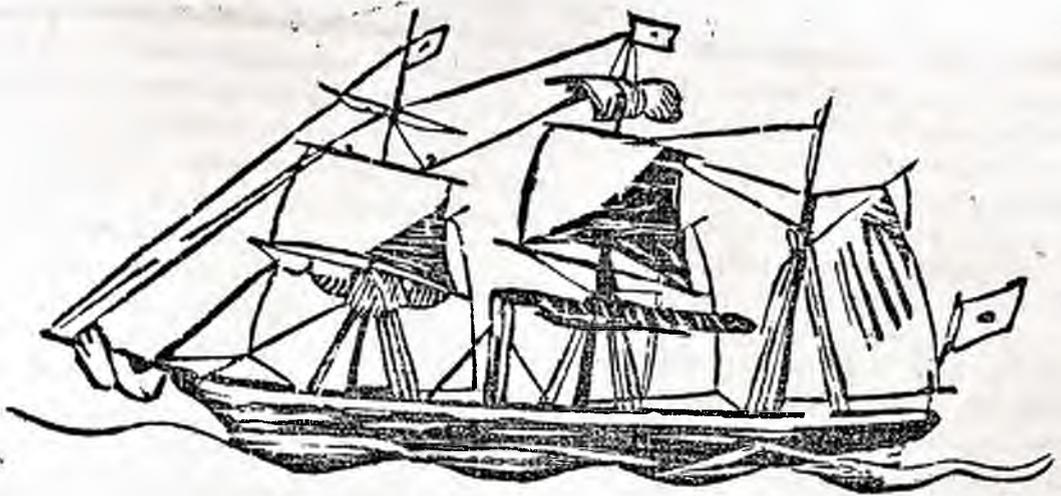
—Abstrakan, o periodico.

O cão recebeu a moeda que lhe dava seu dono, e foi correndo em direcção ao kiosque.

Chegando o vendedor apresentou-lhe dous periodicos dobrados. Abstrakan olhou para elles com attenção, como si quizesse ler os titulos, e reconhecendo o do costume, apartou o outro desdenhosamente com o focinho, e levou a seu dono o que devia levar.

O *Maire* de uma das mommunas dos arredores de Paris, acaba de mandar eserever em letras negras na porta do cemiterio o seguinte:

«Aqui so se enterram os mortos que vivem na communa.»



# O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.  
à rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Serie 41.

Preco d'assignatura — 4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

15 DE SETEMBRO DE 1868.

N.º 409

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*  
14 de setembro de 1868.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, pe-  
dindo-lhe que faça advertir ao dono de um  
botequim, na Praça, que, embora tenha o seu  
escriptorio de *divertimentos licitos* nos fundos  
do mesmo, deve comtudo prevenir aos *par-*  
*ceiros* que não façam tanto barulho. incom-  
modando os vizinhos em horas tardes da noite.  
O que se espera.

—Equidade ás canhotas.

A meza eleitoral da freguezia da Sé, que  
consentiu Leopoldino José de Moraes, sup-  
plente de subdelegado, votar com o nome de  
Leopoldino José do Monte, havendo na fre-  
guezia um individuo com este nome, é a  
mesma que tira votos ao Dr. Antonino Emi-  
liano de Góes Tourinho, pela simples falta  
de um—*n*—por terem alguns votantes es-  
cripto Antonio, em lugar de Antonino!

—As cousas deste mundo são assim, tanto  
eserupulo em certas cousas e tanta facilidade  
n'outras.

### LA VAE VERSO.

### A HARMONIA DOS BRASILEIBOS.

CANÇÃO POPULAR.

N'uma quadra de agonia,

De guerra com o estrangeiro,  
Disse o throno: «haja harmonia  
Entre o povo brasileiro.»  
Disse; e pega n'um partido,  
Sem o voto da nação,  
Arma-o todo, e enfurecido  
Sobre o outro o lança então,  
—Sagrada sabedoria,  
Deus te pague esta harmonia!

Que extrema fidelidade  
Entre as palavras e a acção!  
Apregoar irmandade,  
Lançar irmão contra irmão!  
D'um dia para uma noite  
Bradar: «Paz!» e armar a tenda;  
Chamar a abraços, e o acoite  
Entregar para a contenda!  
—Sagrada sabedoria,  
Deus te pague esta harmonia!

Que salutar pensamento  
De nossa constituição,  
O nosso congratamento  
Por meio da reacção!  
Unidos desagrevemos  
A bandeira nacional,  
E reuqidemos  
A lembrança imperial!  
—Sagrada sabedoria,  
Deus te pague esta harmonia!

Com esta concordia, sim,  
Appareço o patriotismo,  
Some-se Lopez no abysmo,  
Caxias o engole, emfim.  
Chamem-no chefe malandro!  
Já lá pouza-lhe no elmo  
A victoria, que Timandro  
Lhe envia, como santelmo!  
—Sagrada sabedoria,  
Deus te pague esta harmonia!

Quando o dinheiro e o sangue  
Na luta se esvae externa,  
Que importa que mais exangue  
Torne a patria a briga interna?  
Bemditos sejam os planos  
Do novo Machiavel,  
Que sabe de acerbos damnos  
Extrahir tão doce mel!  
—Sagrada sabedoria,  
Deus te pague esta harmonia!

Marino Faliero.  
(Do Diário do Povo.)

## À PEDIDO:

—Capitão!

—Diga-se.

—A qualificação de Sant'Anna não foi nulla porque um dos mezarios ia para a repartição, assignava o ponto e de lá empinava-se para vir funcionar na meza?

—Foi o que li.

—Mas isso é um *gauderio*.

—Não estou lhe perguntando.

—Não quero dizer que empalmação.

—Faz favor de retirar-se?

—Assim é que são as cousas! De maneira que o cujo chupará os cobrinhos da mãe patria de *bobis a nicos*, porque nem V. Ex. quer me ouvir, nem quem deve zelar por estas cousas se commove!

—Olhe que V. quando morrer, hade ter mais *bastos* diabos te levem, do que chaminés em Roma.

—O presidente da provincia destacou magistrados pelas freguezias para observarem, aconselharem e representarem sobre quaesquer emergencias, que entendessem prejudicar a validade das eleições.

—Menos para a Rua do Paço, Penha e Victoria.

—Ah! tambem nessas o pleito correu tão *suave e placidamente* que S. Ex. faltaria á imparcialidade que o distingue, si para lá mandasse juizes.

—Sim.... aquillo é mesmo um mar de rosas.

—Consta que o Sr. Ovidio offereceu-se ao governo para ir bater os *rebeldes* nos Lenções.

—E é bem capaz. O homem já mostrou para quanto presta, na Sé.

—Pois olhe; eu entendo que quem tem seu *genio bellicoso e disposições de luctar* deve preferir fazel-o por uma melhor causa, que é marchar para o Paraguay.

—Ora, só se dando com uma *banana*.

—O que é isso lá!... Nada de offender á modestia.

—Mas quem é que pode ver impassivel o cynismo e descaro, com que um *conservador da Sé* diz no *Jornal da Bahia* que o *Tio Camdinho*, antigo votante do lado conservador da Sé, não obstante o seu estado de molestia, quiz ainda uma vez dar a seus amigos uma prova de sua gratidão a elles e de seu entusiasmo pelo lado a que sempre acompanhou com fidelidade!!!

—Querem tapar o sol com uma peneira.

—*Tio Camdinho*, homem completamente massa bruta, como se costuma dizer, sem a mais leve noção de politica, que nunca se envolveu em partidos, precisando de viver sempre bem com as autoridades, fosse qual fosse seu credo, pelos continuados processos a que dava origem seu genio turbulento, quando moço; levando seu entusiasmo e fidelidade ao partido conservador ao ponto de arrastar-se do leito da morte, acabrunhado de dores, sem forças, movido por mãos de outrem; para ir a Sé votar!

Ora isso é mentir impudentemente.

—O fallecido senador Eusebio, o mais decidido proselyto da ideia conservadora, não levaria sua dedicação á tamanho sacrificio.

—Qual será o homem, que, vendo approximar-se a hora tremenda, em que tem de dar contas a Deus, martyrisado de soffrimentos, se lembre de eleições?

—Nem um reprobos, porque as dores corporaes não lh'o permitiriam.

—Si o tal *conservador* dissesse que Francisco Candido sempre fez do voto negocio e que até na hora suprema quiz transigir com elle, tentado por quem no leito da agonia foi especular com a miseria, bem.

—Ramificada como está a companhia do olho-vivo, é preciso andar uma *sentinella invisivel* atraz de cada um delles.

—Perde seu tempo.

—Agora mesmo, estou por saber qual foi o larapio que, para extorquir de um commerciante dinheiro, tramou uma intriga que ia dando funestos resultados.

—Não se consuma, que *mais cedo* ou *mais tarde* ha de se descobrir.

## O BACHAREL ALTINO RODRIGUES PIMENTA.

Não tenho remedio sinão apparecer pela primeira vez na imprensa. O meu proposito de não responder a anonymos desapparece hoje á necessidade indeclinavel que tenho de desmacarar a calumnia, que pretende audaz marear o meu nome com a sua baba nojenta.

Alludo a uns escriptos publicados contra mim no *Alabama* de hontem e nos quaes fereiramente se me calumnia, plantando-se uma intriga perversa entre mim e a briosa classe dos artistas.

Mercê de Deus! não pôde prejudicar-me o plano infernal dos meus desaffectedos politicos, e maximo na freguezia da Sé, onde residio e a cujos artistas, meus comparochianos, tenho felizmente, pelo contacto immediato com elles, podido ter occasião de dar inequivocas provas da consideração e estima que lhes presto. São por demais conhecidos os meus sentimentos n'este sentido: a posição do artista jamais o deshonorou, pelo contrario é elle sempre nobre quando o seu caracter o eleva, quando as qualidades de um homem de bem o distinguem.

Sou do numero d'aquelles que avaliam os individuos pelo que elles valem, pelas qualidades d'alma e nunca pelas posições sociaes que occupam. Querer-se, pois, emprestar-me a odiosidade de uma calumnia ascorosa, como a que ali no *Alabama* se fez publicar contra mim, é uma infamia, que só pode assentar porfeitamente em homens, que de balde procuram medir a todos pela sua bitola.

Dando mesmo de barato que algumas palavras menos convenientes (porem nunca as que publicou o *Alabama*) tivesse eu dito ao já muito conhecido *Barata* em represalia ao desrespeito com que durante todos os tres dias de chamadas dos votantes fui sempre tratado por esse individuo, querer-se d'ali tirar uma offensa á briosa classe dos artistas, a quem tenho prestado sempre sincera adhesão e amisade, é uma pretensão estúpida, que não pode revelar outra cousa alem da má vontade com que a opposição olha para todos aquelles que lhe não curvam os joelhos.

*Barata* não merece o nome de artista; um individuo que já por duas ou tres vezes tem vindo a minha propria presença por queixas para entregar elle obras que toma para fazer, e que não restitue a seus donos; um individuo de uma vida publica conhecida, como é a de *Barata*, parece que diante de todos os homens de bem, para quem appello, é o menos competente para pretender enchovalhar de publico a caracteres que se respeitam, e ainda muito menos competente para, sob o nome respeitavel de artista, querer, em mal de minha pessoa, chamar a si o apoio e a razão da classe, que de nenhum modo pode honrar-se de aceitar em seu seio tão respeitavel cavalheiro, que de taes foros não pode ter jamais as honras.

Creio que de sobra me tenho justificado não so perante o publico e os meus amigos,

porem, particularmente, perante a distincta corporação dos artistas, ante a qual, miseravelmente calumniando-se-me, tentaram fazer-me parecer um homem muito diverso d'aquelle que realmente sou, e, pois, declaro; terminando, que não mais responderei a anonyms; qualquer que seja a pessoa, que deseje ferir-me com insinuações estupidas, tenha a coragem precisa para assignar-se, como me assigno, assumna a responsabilidade moral e material d'aquillo que disser contra mim, levante a viseira, seja cavalheiro; e eu estarei firme na estacada.

ALTINO RODRIGUES PIMENTA.  
(Do *Jornal da Bahia*).

—O Dr. Altino veio á imprensa para desculpar-se de que não lançou uma offensa á classe dos artistas, na pessoa do *Barata*.

—Mestrou que é homem prudente.

—Mas, que diria o Dr. Altino; si eu apresentasse o testemunho de mais de dez pessoas, insuspeitas para elle, que lhe ouviram sahir dos labios taes palavras?

—Porem elle já declarou que não responde a anonyms, que pretendem ferir-o com insinuações estupidas.

—Isso mesmo quer dizer alguma cousa.

—E aquelle dando mesmo de barato que algumas palavras menos convenientes tivesse eu dito ao já muito conhecido *Barata*, não significava nada?

#### DESAFIO POETICO

Entre o *Manuel dos Papagaios*, o *Massada*, o *padre das Ambrosias* e o *Joaquim Parteiro*, todos quatro em casa da *cabra Martiniana*.

*Parteiro*.—Ora sabem que mais? Hoje é dia dos annos de *Martiniana* e por tanto devemos improvisar alguma cousa á saude della.

*Manuel*.—Neste caso devo eu dar o motte por ser o mais graduado.

*Massada*.—Enganou-se, meu rico; o motte toca ao padre mestre, por ser homem da egreja.

*Todos*.—Pois va lá, seja o reverendo.

*Padre*.—O motte, será o seguinte de *Boage*, para fazer-mos umas colcheias.

*Manuel*.—Que diz, Sr. padre? Colchêtes? Que qualidade de poesia é esta?

*Todos*.—Ca, ca, ca... são uns versos de dez pés chamados decimas obrigadas.

*Parteiro*.—Venha o motte, padre mestre, que quero aticjar ja uma.

*Padre*.—La vae elle—

*Barbara lei do meu fado,  
Triste de meu coração!*

*Manuel.*—Peço nota, o motte é triste, por que falla em barbaridades; porem passa, por que descorreremos em termos alegres.

*Padre.*—Atenção, meus senhores; á saude do dia—

*Barbara lei do meu fado*  
*Triste de meu coração.*

COLCHEIA

Eu podia estar casado,  
Com certa moça faceira,  
Porem ella quiz ser freira,  
*Barbara lei do meu fado!*  
Eu, que no tempo invernado  
Sinto grande frouxidão;  
Eu que durmo sem colchão  
Para não causar mau cheiro;  
Andar vivendo solteiro!  
*Triste do meu coração.*

*Massada.*—Bravo, bravo! So o que não achei bom, foi V. Rvma. fallar em mau cheiro, n'um dia de annos de uma senhora honesta. Pois la vae a minha—

Pau de pinho é taboado,  
Cara de osso é caveira,  
Talo grande é bananeira,  
*Barbara lei do meu fado!*  
Todo funil é furado,  
Salto de bota é taeão;  
Fructa amarella é mamão,  
Soldado leva chibata,  
S'eu não vir mais a mulata  
*Triste do meu coração.*

*Manuel.*—Muito bem, muito bem, Sr. *Massada*, V. sempre mostra que é creado de estudante. Com o devido respeito—pá, pá, pá—

Fico todo embasbacado,  
Quando vejo a Michaela,  
Porem, si bate a janella,  
*Barbara lei do meu fado!*  
Mas eu que sou costumado,  
A punir malcreação,  
Entro um dia de bordão  
E dou tanta cacetada,  
Que ha de gritar esfalfada  
*Triste do meu coração.*

Vou repetir a dose—

Eu conheço um namorado,  
Que é perdido por meninas,  
Anda a glosar nas esquinas  
*Barbara lei do meu fado.*  
Certa noite, de um sobrado,  
Deitaram-lhe um cangirão,  
Passou pela cara a mão  
Cheirou e viu que era a pura,  
Disse a pobre creatura:  
*Triste do meu coração.*

*Parteiro.*—Eu ja esperava da pouca civili-

dade dos Srs. isto mesmo; estão a glosar sem me darem occasião de brilhar, como si eu fosse o filho de mãe Chica; pois agora quero eu tambem e por tanto calem-se, por que nesta casa tenho mais direito.

Existe no caes Dourado  
Um tal José Braz Quiteria,  
Que grita a fingir miseria  
*Barbara lei do meu fado.*  
O velhaco é refinado,  
Furta em crusado um tostão;  
Não janta sinão cação;  
No dia que furta pouco,  
Põe-se a gritar como louco  
*Triste do meu coração.*

*Padre.*—Quero eu arrematar com a ultima meus senhores—

*Todos.*—Pois va lá e depois será o brinde de honra a dona da casa

Eu sou muito apaixonado  
De diversas frigideiras,  
Mas atacam-me as caseiras;  
*Barbara lei do meu fado.*  
O comer, que é temperado,  
De noite faz podridão;  
Eu que não jogo gamão,  
Nem no pacau faço vasa,  
Quando fico a noite em casa  
*Triste do meu coração.*

## VARIEDADES.

### MANDAMENTOS PARA AS DAMAS.

- Os deveres da mulher são dez:
- 0 primeiro, amar a um só homem sem ser coquette com os outros.
  - 0 segundo, não jurar em vão até casar-se.
  - 0 terceiro, ouvir missa e confessar-se sem ser beata.
  - 0 quarto, honrar com palavras e acções a seu marido.
  - 0 quinto, não matal-o a desgostos pedindo-lhe impossiveis.
  - 0 sexto, saber manejar o leque para afugentar *certas moscas*.
  - 0 setimo, não furtar uma hora á costura para dedical-a ao espelho.
  - 0 oitavo, não murmurar, nem mentir grandezas apparentes.
  - 0 nono, não desejar mais de um marido.
  - 0 decimo, ler quanto possa e instruir-se, sempre que sua instrucção seja encaminhada em bem da sociedade e da familia.

Dizia o chefe de policia a um mendigo filado na vespera;

—Então não tem domicilio certo?

—Tenho, Exm. Durmo sempre no mesmo degrão da egreja da Candelaria.



# O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.  
á rua do Collegio n. 44, 1.º andar.

Serie 41.

Preço d'assignatura—4\$ rs. por serie d 40 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

17 DE SETEMBRO DE 1868.

N.º 410

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*  
16 de setembro de 1868.

Acro.—O capitão do *Alabama*, attendendo á falta de significação e á incoherencia nos nomes de diferentes ruas desta cidade, resolve, por acto desta data, dar ás ruas, que se seguem, as denominações appensas:

A rua do Bacalhau, se chamará dos Zuavos, a que segue da praça dos Veteranos á Barroquinha, rua dos Voluntarios da Patria; a, que segue da porta do Dr. Junqueira e vae terminar na estrada da Independencia, rua de Labatut; a do Tinguí, rua dos Couraças; a dos Carvões, rua de Pedro 1.º; a Cova da Onça, Margem do Ypiranga; becco das Morças, becco da Passagem de Humaitá; a dos Carvoeiros, rua de Marsilio Dias; o becco dos Sete Candeeiros, becco do Silveira da Motta; a rua do Saboeiro, rua de Mariz e Barros; a travessa do Tira-Chapeu, travessa de Maury, etc, etc.

Ordena, portanto, que neste sentido se expõem as necessarias communicações.

O immediato Lima Bárboza faça registrar á bordo o presente acto.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando lhe que, acompanhado do muxingueiro, vá a um recanto no principio da ladeira do Tuboão e espante duas almas, que alli andam a fazer *visagens* toda noite, encarapitadas na escada de pedra, que ha

nesse lugar, com risco de assombrar, com tanta *momice* que fazem, a quem por ali passa depois de nove horas; e, como pode ser que a alma do homem seja de algum sujeito d'ali mesmo, que ande penando, dirija-se a um creoulo estabelecido nessa rua para que lhe dê solução de quem foram as pessoas, que ultimamente morreram ali, para lhe mandar fazer um suffragio de correção. Cumpra.

—Capitão, é certo que na Sé votou um moribundo?

—E'.

Um sujeito alquebrado pela idade, cada-verico pela molestia e que, para se ter em pé, precisava de ser seguro por outro.

—Pois em Sant'Anna deu-se caso igual. João José d'Azevedo, alfaiate, de 65 annos de idade, para votar, foi carregado por duas pessoas.

—Foi a espontaneidade do voto quem fez esses milagres. Até os defuntos levantaram-se de seus tumulos para virem testemunhar seus enthusiasmos pelas parcialidades a que pertenceram.

—Estas irmans de charidade, em civilidade e cortezia, não ha quem as ganhe.

—Já V. tardava.

—Em um dia destes, foi uma pessoa ver no hospital uma filha douda, o que só poude alcançar depois de mil difficuldades, indo até se empenhar com a superiora na ladeira do

Alvo; ao retirar-se, perguntou a uma *charidosa* quando lhe dava licença para ver de novo sua filha e da *humilde irman* a resposta que ouviu foi levar a grade nas ventas!

—Entretanto, quem as vê de olhos enterados no chão, diz que ali está a sanctidade em carne e osso.

—A pessoa animou-se a entrar segunda vez e perguntar de novo quando poderia voltar, porem a irman, voltando as costas de um modo brusco, disse—*não tem resposta!*

—Que quer? Si ellas fizeram daquella casa seu patrimonio, são ali senhoras absolutas.

—E andam por ahi a encarecer com tantos dotes essas mulheres, que até no tratar são tão grosseiras!

—Votou um paraguayto na Sé.

—Não diga isso, homem.

—Affianço-lhe porque vi.

—Miseria! vergonha!

—Estou informado de que chama-se Fulano de tal Mirandez, foi creado por algum tempo do Exm. Sr. Dr. Fernandes da Cunha e votou com o nome de um carroceiro empregado na limpeza.

—Isso parece um sonho.

—Quem o trouxe para a Bahia disse-me que é natural de Itapua, filho de um portuguez e de uma paraguayta.

—Que desgraça!

—E' verdade que a meza, fazendo merecida justiça ao caracter dos que a compunham, não podia estar habilitada para reconhecer a identidade de todos.

—A miseria é de quem não sentiu corar-lhe o rosto de pejo, lançando mão do membro de uma nação nossa inimiga, que tanta desolação tem causado á nossa terra, para fim tão abjecto.

—Po.s eu entendo que elle, quem quer que fosse, comprehendeu perfeitamente a força dos pasteis de nata: si o paraguayto serve para trucidar nossos compatriotas lá no sul, porque não será apto para, neste pleito de irmãos, prestar serviços a uma parcialidade?

—E o mais é que o tal paraguayto, depois que votou, ancho de sua soberania, gritava na porta da botica do Sr. Jatobá que já era brasileiro!

—Capitão, ouça este bocadinho que é de arroz de leite.

—Com tanto que não masse.

—Dizia hontem o Aranhas, na porta da botica do Jatobá, a um chefe conservador de S. Pedro...

—Xi! que lenga lenga comprida! Avie-se que eu tenho pressa.

—Em duas palavras.

Dizia o Aranhas—*estive agora em casa do conselheiro P. L. onde vi carta do C. O. que dizia: isto por cá vae a ferro e fogo e eu aproveito este intervallo, para ir á Belgica ver meu filho. Comtudo, prefiro estar debaixo do CHICOTE dos conservadores do que sob o dominio dos progressistas.*

—Não está vendo que isso é mentira requintada? Aranhas gosta de vender suas bullas.

Um homem, em cujas veias corre o sangue mineiro, era incapaz de escrever tamanha baixeza.

—Alguem, que ahi se achava, advertiu-lhe de que isso era impossivel; porem elle disse que a palavra chicote fôra empregada figuradamente.

—Não ereia; o homem usaria de outra phrase e não de termo tão aviltante.

—Tambem eu creio que sim.

—Agora, o que V. deve dizer é que certas pessoas devem andar prevenidas com os *passarinhos de orelhas* que esbibilham o que se passa em suas casas, para andarem espalhando, adulterando.

—Quanto a mim, tanto me dóe que ja me passou. Elles lá se entendem.

—Entretanto, empatou-me V. boa meia-hora em negocios em que não dezejo intermetter-me.

## Á PEDIDO.

—Andam aquelles dous marrecos, como urubús atraz da carniça.

—Todos dous são uns *Manés*.

—Não lhe pareça.

—E ambos tomam fresco á sombra de uma frondosa mangueira.

—Assim me disseram.

—Um ouve missa todos os dias na capella de Santa Thereza e outro reza o terço em S. Joaquim.

—O que não sei é porque anda um a farejar os passos do outro.

—Negocios de *logração*.

—Hum!

—O devoto de Santa Thereza quer cinzar os olhos do outro.

—Meninorio!

—De sorte que o de S. Joaquim tanto bispou que foi pegal-o em *flagrante* aonde canta o gallo, e por isso anda de pulga na orelha.

—Esses *grillos* fora de horas...

—A cousa cheirou a murros e o subdelegado ja soube, tanto que anda atraz do reza-dor de terços para mandal-o para a casa de eachorro.

—Essa é boa! Isso é que se chama—além de *paciente* aperreado.

—Que faz V. a estas horas aqui, rapaz? Este becco não é o de *Maria Chicra*?

—E'.

—E o que é que tanto espreita, estirando a cabeça como kagado?

—Estou daqui a observar um *passo*.

—Mau costume! Espiar a vida alheia.

—Não vê aquelle vulto encapotado, que passeia?

—Sim?

—Quer *embocar*.

—Aonde?

—Isso é que eu quero ver.

—E como sabe?

—Por um signal que o vi fazer.

Aquellas maldictas *costureiras* é que o estão empatando.

—Pelo geito, o ponto é impedido?

—Parece.

—Pessimo gosto tem esses homens de gostarem de se metter em emprezas arriscadas!

—Si a fructa prohibida não fosse tão saborosa, não tentaria Eva.

—E agora é que eu reparei que o sujeito tem ares de musulmano; traz na cabeça um gorro á especie dos crentes quando vão á *mesquita* adorar o propheta.

—Falle baixo, para não escabriar o cujo.

—Está bem, V. que tem pachorra para essas cousas, fique, que eu me retiro.

—E eu amanhã lhe darei conta do resultado.

—Que pedaço engraçado!

—O que é?

—Um Sr. Dr., que declara no *Jornal da Bahia* que votou por Francisco Gomes Moncorvo, e assigna-se no fim da correspondencia Dr. José Gomes Moncorvo.

—Bonito e rico!...

—Que vontade decidida de votar!

—Para uma justificação não ha prova mais authentica.

—Capitão, certo procurador de um convento, situado n'uma *solidão*, adoptou o engenhoso systema de regalar-se com gordas gallinhas, sem lhe custar dez réis.

—Bom! O viver não é nada, o saber é que é a cousa.

—Anda por casa dos conhecidos a pedir emprestadas gallinhas para tirar geração com um famoso gallo de raça, que diz ter, e quando as apanha, deitá-as na panella.

—Homem, quem é esse finório?

—Pelo bem-aventurado S. *Dionisio* lhe declare que, si não temesse que V. Ex. dissesse que me *rebello* ás suas ordens, guardaria segredo; tenho medo do homem, por ser do forum.

—Vamos, diga.

—Chama-se..... *Sil*.....

—..... *Va* massar ao diabo; acabe com isso.

—Espere, capitão, deixe-me tomar folego.

—Retire-se, homem dos seiscentos, deixe-me despachar aqui o *Nogueira*, que traz negocio de mais interesse.

### O ARTISTA MANUEL ELPINIO NUNES DE ARAUJO BARATA AO PUBLICO.

Principiarei pelas palavras do Sr. bacharel Altino. Não tenho remedio sinão apparecer pela primeira vez na imprensa para responder ao Sr. bacharel, visto que elle no seu escripto quer fazer crer que eu dou des-caminho ás obras; que me dão para fazer, quando profere estas palavras: Barata não merece o nome de artista, um individuo que ja por duas, ou tres vezes, tem vindo a minha propria presença por queixas para entregar *elle* obras, que toma para fazer e que não restitue a seus donos. Todo o mundo vê a perversidade desta proposição: o Sr. bacharel Altino Pimenta entendeu que, me expondo a juizos desfavoraveis, se justificava, estreitando a distancia immensa, em que disse estar do pobre artista, em vista do seu pergaminho de bacharel, ou doutor, mas como o Sr. Altino não negue o facto e ao contrario só tractou de o attenuar, vou scientificar o publico do facto, a que allude o Sr. Altino.

Recebi umas obras para apromptar; houve demora, é verdade, como ordinariamente acontece em qualquer officina de artista; o dono appareceu, mostrei as peças, que estavam feitas; portou-se tão asperamente, que me foi preciso repellil-o; por isto foi elle ao Sr. bacharel Altino, que me mandou chamar, como subdelegado, expuz o facto, dando, como razão da demora o não estarem as obras todas promptas e aprazei dia para as entregar, nesse dia appareceu o dono, faltava porém um colete que eu tinha dado a outra pessoa, para fazer: nessa occasião mostrei as as peças promptas ao dono; este esbravejou de sorte que foi ainda necessario retorquir-lhe vigorosamente; tornou elle ao Sr. subdelegado Altino, em cuja presença ainda compareci; apresentando as obras. Eis pois como se deu o facto. Agora calcule o publico que valor merece o dizer o Sr. Altino que não restituo os obras que me dão para fazer. O Sr. bacharel se quiz justificar calumniando-

me vilmente, sem lembrar-se que este procedimento rebaixa a sua altura, e abrevia a distancia em que o põe o seu pergaminho de qualquer artista. Disse o Sr. Altino Pimenta que tem contacto immediato com os artistas; mas note o publico, e os artistas especialmente, que o Sr. bacharel Altino Pimenta, quando me quiz fazer comprehender a minha baixaza e a sua altura, me disse que— eu medisse a distancia que havia entre elle e mim; que eu era um artista e que elle tinha um pergaminho de *doutor*: logo esta mesma distancia está entre o Sr. Altino e qualquer artista. Disse mais o Sr. bacharel Altino que eu sou bem conhecido; mas eu vivo de meu trabalho, como vivem os mais artistas, nem jamais tenho soffrido a menor advertencia de authoridade alguma, como é publico, nem feito vida e obtido emprego por ser espião de policia.

Por agora só isto.

Bahia 16 de setembro de 1868.

*Manuel Elpinio Nunes d'Araujo Barata.*

—Capitão, ouça este caso que me contaram, o qual teve logar no sabbado.

—Conte-o sem commento.

—Um pardo, de nome José Philippe, entrou em uma loja de charutos, no becco do Peso do Fumo, pertencente a um portuguez conhecido por *Chico Careca* e encontrou este conversando com o *José Barbeiro*, que tem tenda junto d'elle, e é tambem portuguez, sobre a politica actual. Dizia *Chico Careca*:—Os negros estão muito ufanos agora, porque escolheram para chefe de policia um bode.

—Que desaforo!...

—Philippe, pede que lhe vendesse charutos de vintem; mas Chico disse-lhe—*aqui tem uma caixa de charutos de dez réis*. Retorquiulhe Philippe—*quero de vintem, senhor*.

Responde Chico—*os charutos de dez réis são proprios de negros fumarem*.

Philippe, ficando insultado com isso vae para retirar-se, quando o José Barbeiro diz:—*V. não vê este negro como já está grande hoje! Já pede charutos de vintem para fumar, este filho da...*

—Ha factos, que, contados assim, parecem historias.

—Garanto a V. Ex. a veracidade.

—Prosiga.

—..... que anda aqui espiando a gente.

Como nem sempre o homem tem a paciencia na algibeira, diz Philippe;—*calem-se marotos!* A estas palavras de calem-se marotos, José Barbeiro atraca-se com Philippe, e Chico Careca vem por de traz, arruma-lhe uma cacetada no alto da cabeça, jogando-o por ter-

ra! José Phillippe foi medicado no hospital de charidade, e, fez corpo de delicto para proceder contra elles.

—Mas esses homens estavam então embriagados?

—Estavam em seu perfeito juizo, posso lhe garantir.

—Ha cousas que, contadas, parecem impossivel! Em todo caso pedimos ao Sr. Dr. chefe de policia providencias para este escandalo, no caso de ser exacta a sua informação.

## VARIEDADES.

### QUAL DOS DOUS MENTIRIA?

—Um moço, que costumava dirigir gracejos ao bello sexo, vendo uma joven á janella, sem conhece-la, dirige-se a ella e diz-lhe:

—Que moça tão bonita?

—Outro tanto não posso eu dizer do senhor, respondeu a moça.

—E' porque não mente tanto quanto eu, retorquiui aquelle.

Dois cardeaes exprobravam a Raphael por ter pintado em um grande quadro os rostos de S. Pedro e de S. Paulo demasiadamente vermelhos.

—Senhores, respondeu-lhes o artista agastado pela advertencia, pintei-os como elles devem estar no ceu presentemente. Essa vermelhidão lhes vem da indignação que lhes causa o mau governo da Igreja.

### ANNUNCIO ORIGINAL.

Um sapateiro, em liquidação, mandou espalhar grandes cartazes em forma do annuncio theatral com o seguinte convite:

«Senhores e senhoras: chegou a hora fatal!

Estamos a arder, mais que as fornhalhas de um vapor.

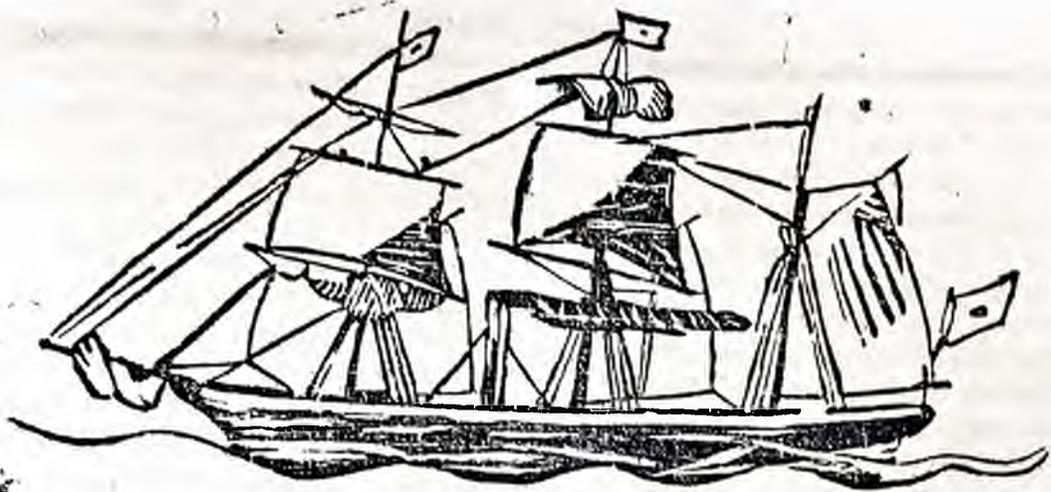
Mimosea-se a todo aquelle que vier visitar este estabelecimento com um par de botinas, da qualidade e medida que quizer escolher.

Só se lhe pede, como lembrança de sua amavel visita, a simples quantia de 9\$000 rs, por cada par que escolher!»

## ANNUNCIOS.

Pede-se ao sujeito do arsenal de guerra, que mandou concertar uma tina, que se acha na venda n. 5, ao Xixi, que a venha procurar quanto antes, do contrario verá o seu nome por extenso neste jornal.

Deseja-se fallar com o Sr. Antonio Joaquim Rosendo, na venda n. 51, á Quitandinha, ou no chafariz de S. João, em Santa Barbara.



# O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.  
à rua do Collegio n. 14, 4.º andar.

Serie 42.

Preço d'assignatura—4\$ rs. por serie d'40 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

19 DE SETEMBRO DE 1868.

N.º 411

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*  
18 de setembro de 1868.

Officio ao Illm. Sr. delegado de policia, participando-lhe que por detraz d'um muro, que se está edificando na ladeira de Santa Thereza, contiguo ao seminario, reune-se todas as noites uma malta de moleques, cujo divertimento é apedrejar quem passa, com especialidade as pobres mulheres de capona; pelo que, pede-se a S. S. se digne providenciar de maneira que se disperse aquelle grupo de malignas creaturas.

—Ao Illm. Sr. 1.º juiz de paz eleito, da freguezia da Sé, recommendando-lhe que, na qualificação vindoura, elimine da mesma a Laurentino Manuel do Nascimento, para que não se reproduza o escandaloso espectaculo de votar um pobre de portas, além de ego e coxo. Espera-se da rectidão que distingue a S. S. a mais severa attenção para este e eguaes casos.

—Capitão, não sabe?

—Agora.

—As creoulas conservadoras vão na sexta-feira vindoura em romaria ao Senhor do Bomfim, pelo triumpho do partido nas recentes eleições.

—Isso é serio, rapaz?

—Garanto-lhe.

O uniforme do pagode é saia vermelha debruada de branco.

—Bom; tem de haver moscas por corda o mosquitos por arame.

—E V. Ex. vá prevenindo o João de Deus para se achar na patuscada.

—Bicô! Não espanto ellas, não.

—Farpellas endiabradas!

Vão ao banho nos Coqueiros e fazem um perluvio que parece que o mundo vem abaixo.

—Quanta garrafada e cacetada!

—E andam mulheres nuas até pelo Portão da Piedade.

—Endemoninhada gente é as taes empiematicas filhas de Jerusalem!

—Os taes banhos dos Coqueiros tom o que se lhe diga!

—O subdelegado deu com a sucia na Correção e parece que vão responder a processo.

## LA VAE VERSO.

### DUAS MOÇAS ROMANTICAS.

—Minhas filhas, o que fazem?...

(Grita a velha impertinente)

—Estamos vendo quem passa;  
Ora, mamãe, deixe a gente.

—Não é assim; Vocês querem  
Que vos censure a vizinha?

—Ora mamãe, va se embora....

Senhora vá p'ra cosinha.

—Minhas filhas, eu si falto,

E' só para o vosso bem

—Ora mamãe.... ja bebeu?....

Tão enfadonha!—o que tem?

—Não tenho nada: não quero

Que as outras fallem de vós:

—Pois que fallem; que é verdade

Quanto disseram de nós.

—Oh, meu Deus, que raparigas!

Oh, que sorte tão ruim!

Antes crear mil cadellas

Que duas filhas assim!

### SONETO

*Este mundo não val pataca e meia.*

Este mundo é peor que um chifre torto.  
Porque sp'rança não ha que se indereite;  
Quando temos torcida, falta azeite,  
E so se dá cevada ao asno morto.

Pare a moça bonita e tem aborto;  
Quer a gente mamar, não acha leite;  
Não ha gosto real, que se aproveite;  
Zurrapa ja se diz vinho do Porto,

Casamentos so ha por falcatruas;  
Outros namoram a mulher alheia;  
Os bois andam pastando pelas ruas.

Ha poetas de enxerto sem ter veia;  
Pense bem o leitor, emfim conclua:  
*Este mundo não val pataca e meia.*

### NOVIDADES DO PROGRESSO.

Usa d'oculos quem tem vista;  
De bigodes o paisano;  
Quem faz justiça é tyranno,  
Quem diz mal é rabequista;  
O canario come alpista;  
Namorado come mocas;  
As velhas usam de toucas,  
P'ra disfarce do ehinó;  
Ninguem dá ponto sem nó:  
As innocentes são poucas.

Quem começava fallar,  
Dizia outr'ora papá:  
De certo tempo pr'a cá  
Mudaram, dizem cazar;  
Custa muito a supportar  
Pulga na bota; e maçada  
E' int'resseira a criada,  
E, si tem ama bonita,  
Toma canja, e s'arrebita:  
Toda dengue e alambicada.

O que pretend'um emprego

Adula, vive arrastado;

Mas apenas apanhado

Fica surdo, e fica cego.

Agua de chuva faz rêgo:

O ventô move o navio:

Cega-rega e assobio

São brinquedos do creança:

Quem pilha boa papança,

Junto ao fogo não tem frio.

Todo o militar que conta

Campanhas, preterições,

Livre de indigestões,

Põe-nos a cabeça montã.

O insulto é uma affronta:

Pedago de louça é caco.

Moça que toma tabaco

Fica depressa fauhosa,

A duzia de duzia é groza,

A bucha de peça é taco.

Do vintem do barril d'agua

Faz doblas o boticario;

Experto chamam vigario;

Pezar e desgoto, magoa:

Saia de baixo é auagua,

Velhaco, rato pellado:

De cana se faz mellado,

A cal se faz de marisco,

Custa caro bom petisco;

O pobre anda esfarrapado.

O que tem filhas bonitas

Poupa muito no rapé;

O que nos salva é a fé,

Nas lojas vendem-se fitas.

Nas escholas ha escriptas

E mentiras nos jornaes:

Até hoje vemos paes

Qu'aos filhos empataam vasas;

As aves todas tem azas:

Os burros são animaes.

### O CIUME COMPARADO COM O SAL.

Entre o ciume e o sal  
Vejo alguma semelhança;  
Ciume vae para o peito,  
O sal se guarda na pança.

Tempera o sal os manjares  
Ciume tempera amor;  
Amor é manjar de leite,  
Ciume é agoa de flor.

O ciume é tal tempero,  
Que se muda de repente;  
As vezes adocicado,  
Outras vezes muito ardente.

Assim tambem é o sal,  
Que sendo pouco dá graça,

Si é muito nos fere a lingua,  
E o ceu da bocca traspassa.

O ciume é um tempero  
Faz o homem bruto e rude;  
O sal comido em porção  
É muito mau p'ra saude.

O presunto de fianbre  
É gostoso e tem sal forte;  
Ciume com moça bella  
É bello, mais causa a morte.

Deve levar muito amor  
De firmeza um bom folhudo,  
Um pouquinho de ciume  
Na massa bem misturado.

E por tanto quem quizer  
Comer gostoso pastel,  
Não deite fora a receita  
Que mando neste papel.

Comtudo, ninguem se metta  
A comer grande porção;  
Pasteis de amor tem bagaço  
Fazem muita indigestão.

### Motte

*As continuas loterias  
Causam immoralidades.*

GLOZA.

Capem velhacarias,  
Poem creanças a jogar,  
Fazem os fanulos furtar,  
*As continuas loterias.*  
Mas isso são ninharias,  
São progressos, liberdades,  
Que algumas authoridades  
Promovem, não entorpecem;  
Ah! si taes males recrescem  
*Causam immoralidades.*

M.

### Á PEDIDO.

#### A politica.

Cómo não ha nada no mundo que não tenha um principio, entrei a parafusar á ver se descobria de onde nascia a origem de conservadores e liberaes. Lembrei-me depois da parte da biblia em que diz — que os judeus carnaes eram aquelles que só queriam ricos thesouros de ouro e prata, grandes manadas de gados e que só serviam á Deus com o interesse de possuirem vasta riqueza, sem importarem se com os soffrimentos d'alma, e apenas temiam a morte e as enfermidades. Os judeus spirituaes, porem, só cuidavam

de purificarem o spirito e despresavam essas grandezas mundanas, porque só aspiravam á recompensa eterna, e com esse fim somente dedicavam-se ao serviço de Deus.

Depois que lembrei-me d'esse pedacinho da biblia, disse eu cá com os meus botões: — «Quem sabe si os spiritistas não tem razões para fazer crer nas reencarnações dos spiritos?»

Fiquei a parafusar sobre a metempsycose e depois de reflectir por bastante tempo sobre ella, entendi que devia submeter ao chefe do spiritismo, que é muito meu amigo, este meu pensamento, para que consultasse aos spiritos, afim de tirar-me da imaginação a confusão, que se me havia encasquetado na mente:

.....  
Hoje, porem, estou certificado da verdade e certo de que não elaborava em engano.

Os taes judeus carnaes estão hoje encarnados em conservadores, segundo o que decidiu o spirito de um lord de uma das possessões da Inglaterra em Africa, e os spirituaes em liberaes.

Eis aqui a decisão do tal spirito evocado, que me remetteu por escripto o chefe do spiritismo:

«Illm. Sr.—Certifico que, evocando o spirito de um lord de uma das possessões da Inglaterra em Africa, decidiu este, por suas revelações á medium, que os judeus carnaes acham-se reencarnados nos taes homens chamados no seculo XIX conservadores, e os spirituaes nos liberaes, dando como prova que os liberaes, á excepção de um ou outro, não genuino, são homens pobres, ao passo que os conservadores quasi todos são ricos e titulares.

«Posso lhe declarar debaixo da fé de chefe da creença spiritica que foram estas as verdadeiras palavras reveladas pelo spirito desse lord á medium, as quaes lh'as transmittio, já que procurou por meio das revelações dos spiritos saber desse segredo, que lhe certifico ser verdadeiro; tanto mais quando até o que se figurou em sua imaginação já era revelação, que lhe fazia esse mesmo spirito, pois assim o declarou.

«Juro-lhe pelo cargo que occupo de chefe dos spiritas ser verdade tudo quanto acima fica dito e por isso remetto-lhe esta que vae por mim assignada e por meus immediato e secretario. Sala das sessões spiriticas 14 de setembro de 1868.

«Está conforme.

«Namezes — chefe dos spiritistas.

«Alarma — immediato.

«Delgado Breu — 1.º secretario.»

—Capitão, quem quer vae e quem não quer manda.

—Estou por isso.

—E' a razão porque venho, de tão longe, á presença de V. Ex., queixar-me de um *bolotriqueiro*, certo de encontrar justiça.

—Meu amigo, V. enganou-se: isso de fazer justiça compete ás authoridades do paiz.

—Eu me darei por satisfeito com as providencias de V. Ex.

—Nesse caso, vá me dizendo: d'onde vem?

—Para bem dizer, eu venho da *villa*; porem demorei-me alguns dias n'uma *feira* a negociar, e só muito depois do dia de *Sant'Anna* é que puz-me á caminho para esta cidade.

—Bem. De quem se queixa, então?

—Do *Manuel*.

—Pergunto-lhe o nome por inteiro.

—Ah, sim... Porem é que de repente esqueci-me do nome do maldicto, capitão; deixe ver si o meu creado *Rodrigues* se lembra.

—Isso depois o Sr. indagará. Exponha os motivos de sua queixa:

—Sim, Sr., o *Nascimento*, que é *unha e carne* delle, me dirá.

Esse tratante, tendo de *repartir* umas deizas e sabendo que um dos interessados desejava ficar com certo objecto, mandou pedir-lhe, como *moitadura* 80 *D*rs., assegurando-lhe que seria contemplado no que desejava, e recebendo da mão do capitão F. J. S. C. essa quantia, não deu cumprimento a sua palavra e aquinhoou a outro, que tambem molhou-lhe a mão, com o referido objecto e até hoje não fallou mais nos oitenta bicos que chupou.

—Commetteu uma prevaricação.

—E é por isso que eu venho a V. Ex. pedir-lhe que o mande buscar á sua presença e lhe mande o muxingueiro passar uma sara-banda, a ver si elle modifica, ao menos, o character tratante que tem.

—Pois bem; vou officiar ao delegado do logar neste sentido e depois venha entender-se commigo.

## VARIÉDADES.

Um joven estudante da universidade de Oxford foi visitado um dia por um criado de seu pae, que lhe trouxe recommendações de toda familia.

—Estimo muito, disse o mancebo. Então, como estão todos de casa? Que vae por lá de novo?

—Cousa nenhuma, replicou o criado, a não ser e ter morrido a nossa pega.

—Isso só! Mas de que morreu o pobre animal?

—Por ter comido demasiada carne.

—Como! E quem foi que lh'a deu?

—Ora quem foi? Os quatro cavallos da carruagem.

—Que! Elles tambem morreram? Explique-me melhor.

—Os pobres animaes teriam vivido muito tempo, si os não tivessem arrebetado a força de se lhes fazer carregar agua.

—Agoa! E para que?

—Para apagar o fogo no dia em que a casa se incendiou.

—Pois nossa casa queimou-se! Então como foi que pegou fogo?

—Por um incedente bem triste, e que não teria acontecido, si os criados tivessem mais cuidado com as tochas accesas que levavam na mão.

—Tochas! E que precisão tinham elles dellas?

—Era para o enterro da Sra. sua mãe.

—Pois minha mãe morreu?!... Santo nome de Deus! é a primeira vez que tal ouço.

## O SAPATEIRO VALENTE.

Havia n'uma cidade um sapateiro que tinha a obsequiosa mania de velar os mortos.

Um dia, uns poucos de maganões lembram-se de lhe pregar um susto.

N'essa tarde, chega-se um ao pé d'elle, e diz-lhe:

—Vossê não sabe, fulano morreu, (era um dos da conspiração).

—Morreu! pobre rapaz! tão alegre q' elle era.

—Pois é verdade, e como elle não tem familia, vossê faria uma obra de misericórdia, si lhe fosse velar o corpo.

—Vou, sim! Ora porque não havia de ir? Mas, como tenho muito que fazer, se lhes parece leve o trabalho.

—Leve o que quizer, homem; com tanto que não falte.

N'essa noite, o honrado sapateiro dirigiu-se á casa do defuncto. Entra, vê o cadaver na cama, debaixo do lençol, e com o rosto livido meio escondido por um lenço.

O sapateiro faz o signal da cruz, reza e principia a trabalhar. A meia noite levam-lhe o café e um copito de aguardente. O homem bebe e sentindo-se bem disposto, começa a cantar em quanto vai batendo a sola.

Nisto o cadaver levanta-se, senta-se na cama e diz com voz cavernosa:

—Quando se vela um defuncto não se canta.

O sapateiro fica atralhado um instante, mas logo recobra o sangue frio, e vibrando ao finado uma valente correada com o tirapê, responde no mesmo tom:

—Quando se está morto não se falla.

Escusamos de dizer que o defuncto ressuscitou immediatamente.



# O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.  
à rua do Collegio n. 44, 1.º andar.

Serie 42.

Preço d'assignatura—4\$ rs. por serie d'40 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

22 DE SETEMBRO DE 1868.

N.º 412

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*  
21 de setembro de 1868.

Portaria ao fiscal da Sé, ordenando-lhe que vá já e já obrigar o morador do segundo andar do sobrado n. 33, á Praça, de Palacio, a tirar os enormes jarros de plantas, que tem sobre os peitoris das janellas, com grave risco de vir sobre a immensidade de gente que renne-se por ali, o que seria uma calamidade. Campra.

—Que endiabrado systema este de tirar a vida do proximo!

—São horas más. E' Satanaz que se mette atraz da orelha de um vivente para tentá-lo.

—Não ha horas boas nem más. O orgulho e soberba do homem é que o leva a tentar contra a existencia de seu semelhante.

—Mas essa conversa vem a proposito de algum assassinato que se dêsse?

—E' verdade. No sabbado, o escravo Joaquim, da fazenda Armação, assassinou á facadas o seu parceiro Romualdo, por uma desavença, que não sabemos.

O morto veio para o hospital, onde tem de se proceder hoje á corpo de delicto.

—Agora o que resta é a justiça cumprir seu dever.

—Dous enterros n'uma casa n'um só dia!

—Este caso deu-se na rua da Lapa, na quarta feira.

—Justamente. A mulher, que tratava do marido, morreu tambem, poucas horas depois d'elle expirar.

—Que afflicção para o pobre filho, que teve de enterrar pae e mãe d'uma só vez!

—Menos para o padre, que d'uma via fez dous mandados e recebeu 16\$ réis, apezar da indigencia da familia.

—Não se pode dar maior castigo a um vivente do que mandal-o passar de barriga cheia pela rua do Carro, á noite.

—Com effeito, os immensos solavancos que leva um pobre homem com tantos altos e baixos por ali, não faz muito bom cabello.

—Tive outro dia necessidade de passar por la a noite e jurei não voltar, em quanto não houvesse ali illuminação ou não indireitassem a rua.

—Então descance seu coração, que parece tão cedo não terá este gosto.

—Que gente deshumana!

—Si não tinham dinheiro para enterrarem a creancinha, porque não recorreram á charidade publica ou ás authoridades?

—Acharam que era melhor deital-a n'uma caixinha sem tampa e atival-a ao mar.

—Não tem mais que 7 a 8 dias de nascida.

—Isso foi deitado do Xixi ao Caes Dourado e a correnteza o trouxe até o Caes das amarras, onde foi apanhado.

—Não ha nada por mais reprovavel que não se veja nesta terra.

—Este Marques, só levado a pau.

—Mas Sr. Antonio, elle e os companheiros não são culpados. A redacção é a responsavel em geral pelo que manda imprimir em sua folha.

—Porem elle é muito ousado; atica cou-sas.

—Isso é suspeita sua.

—Eu sei...

—Ora está, o Sr., um vendelhão, ja quer dar regras e ameaçar os mais. O que valle é que elle para suas bravatas e dê alguns mais olha com tanto asco e nojo como para um caxorro morto de oito dias.

—E V. quer se constituir em protector delle?

—Está V. tão agastado sem nada soffrer; quanto mais si o *Alabama* lhe bolisse na chronica, que não deixa de ser um pouco complicada.

—Eu não tenho raço.

—Comprido de mais.

Moço, deixe de andar aventando ideias reprovadas; venda sua manteiga mal pezada, seu assucar roubado, seu vinho baptisado, que V. não hade passar disso e não ande procurando sarna para se coçar.

—Muito odio nutre o Revd. padre mestre Ambrosio contra a humilde redacção do *Alabama*.

—E por que?

—E' o que estou por saber.

No sabbado, indo o caxeiro do *Alabama* ao consistorio da Ordem 3.<sup>a</sup> franciscana, la encontrou o Sr. padre mestre Ambrosio, o qual, assim que foi vendo o rapaz, rompeu em termos descortezes e proprios de porta de açougue e não do interior de um templo, na mais desabrida e afrontosa vociferação contra a pobre redacção e seus empregados.

Não houve insulto, por mais acre e difamatorio, que não sabbisse da bocca do digno sacerdote da religião do Crucificado, contra as inofensivas pessoas daquelles que tem a infelicidade de collaborarem ou imprimirem uma folha, que se atreve a fallar contra os abusos e prevaricações e que bate de rijo nos tratantes, devassos, libidinosos e incestuosos.

—Pois um ministro de um Deus de paz e amor, um homem que nos aconselha a perdoar os nossos inimigos, é o mesmo que profana a casa do Senhor, dirigindo torpes insultos a quem não sabe si o offendeu?

—O Sr. padre mestre Ambrosio parece que estava hallucinado pela raiva, que lhe

transbordava d'alma, por que, pedindo-se nessa occasião *Senhor Deus*, o padre de joelhos, ainda praguejava.

—Elle que va metter medo aos *defuntos* que *morreram*.

—V. foi ao Engenho Velho domingo?

—Porque não!

—Dê-me uma ideia do que e a tal *matança*.

—E' um boi, que apresentam coberto de contas e enfeitado de busios; sobre o dorso do animal vae montada uma mulher, vestida de vermelho, a qual é a gran-mestra, com um extenso turbante sobre a cabeça, tendo na mão direita um comprido penacho e na esquerda um instrumento symbolico, de que não sei o nome; em roda della vão muitas mulheres, especie de bachantes, a que chamam *vudunças feitas*, semi-nuas, tendo apenas sobre o corpo uma curta saietta e uma toálhinha na testa. Em lasciva e deshonesta dança, vão cahindo uma a uma fatigadas em certa especie de torpor, pelo que são conduzidas para a *casinha*, logar onde só penetra o *papae*, que é um preto chamado Antonio.

Depois de muitas ceremonias praticadas no interior do *pegi*, onde os profanos não entram, o *ogam* mais graduado consumma o sacrificio, que é precedido de um fauto banquete, cujas iguarias são todas adubadas de azeite de dendê.

—Homem, basta; eu não quero ouvir mais esta patifaria.

—O que lhe affianço é que o Engenho Velho transformou-se estes oito dias n'uma cidadezinha; botequins, venda, bancas de jogo e mais de duas mil pessoas de todas as classes, entre as quaes algumas bem identificadas com a policia, estão ali reunidas.

—E somos um povo civilizado!

—O Sr. havia de se admirar, si la fosse, de ver pessoas de consideração tocando *tabaque*.

Mulheres de todas as considerações estão ali absorvidas naquellas praticas grosseiras e supersticiosas, esquecidas de seus deveres e obrigações.

—Então por estes oitos dias ha funcção.

—Como sem falta.

—E a policia tolera que se esteja assim impunemente a afrontar a moral e a religião.

## Á PEDIDO.

QUEM SERÁ O GONZAGA?

Sahi de casa, encontrei,  
Da minha rua na esquina,

Uns visinhos, gente fina;  
Palestravam, palestrei.  
Fallou-se de povo e rei,  
De um rei que faz carambolas!  
Sobre este ponto as graçolas  
Dos circumstantes choviam,  
Mas todos serios diziam:  
«Ora o Gonzaga é um bolas.»

Um rei a carambolar,  
Disse um velho ao pé de mim,  
Faz do Estado botequim,  
Do governo faz bilhar;  
Tal não posso acreditar,  
Isso é graça dos pacholas,  
Não cabe em boas cacholas.  
Responde um moço: oh si cabel  
Pois então você não sabe  
Que este Gonzaga é um bolas?

Meu caro, acode um doutor,  
Rei que faz do sceptro taco  
E' mais tolo que velhaco,  
Porque nenhum jogador  
Do jogo é sempre senhor...  
O jogo das cabriolas  
Será facil nas eschololas,  
Porem joga-as n'um throno  
E' dar de si triste abono,  
E' ser Gonzaga, é ser bolas.

Busquei gondolas paradas,  
Na que achei se discutia  
A regia e doce *harmonia*  
Das imperiaes *derrubadas*:  
E, ao som de soltas risadas,  
Nascidas destas parolas,  
Os velhos e os rapazolas,  
Nas allusões que faziam,  
Piscando os olhos diziam:  
Ora o Gonzaga é um bolas.

Fallaram do ministerio,  
Trataram dos liberaes,  
Da guerra, dos generaes,  
Da *republica!!!* e do imperio.  
Dizia um, sem mysterio,  
Que os reis todos são Loyolas,  
E as monarchias charolas  
Em que se adora uma casta.  
Bradavam todos: «Pois basta,  
Que o tal Gonzaga é um bolas.»

Disse outro: meus amiguinhos,  
A instituição será boa,  
Mas no Brazil a corôa  
Aos liberaes é de espinhos...  
Ai, bom rei, nesses carinhos,  
Com que ás vezes nos embolas,  
Mais as paixões acrisolas  
Da facção de que és caudillo,  
Veio logo o estribillo:  
Ora o Gonzaga é um bolas.

Ouvi certas anecdotas  
De que não tinha noticia,  
Contadas com tal malicia  
Que dão motivo a mil notas  
Sobre as *augustas patotas*...  
Sejam mote a cantarolas  
Que, ao som de alegres violas,  
Do povo excitando o rizo,  
Lhe deem a tempo este avizo:  
Gonzaga é muito mau bolas.

Descei perto do Rocio,  
Ouvi cantiga e risota  
Entre gente de chacota;  
Um molécote vadio  
De um cobre e um prato vasio  
Fez um par de castanholas,  
E na roda dos farçolas,  
Em tom que o fado imitava,  
Com *voz de flautim* cantava:  
Ora o Gonzaga é um bolas.

Nessa roda divertida,  
Que ao molecote escutava,  
Um italiano contava  
Que uma cantora já *ida*,  
Entre nós mui conhecida,  
Mostrando certas *bitolas*  
Do amor de certos patolas,  
Que lhe pediam *favores*,  
Dizia aos outros cantores:  
Ora o Gonzaga é um bolas.

Esta nossa capital  
Tem tambem os seus mysterios;  
Este povo é de dicterios,  
E n'um dito jovial  
Faz reacção contra o mal:  
Gonzaga... ou é maricotas  
Ou homem de corriolas.  
Pensei nisto aborrecido  
De ter todo o dia ouvido  
Só Gonzaga é sempre bolas!

Pensativo á casa vim,  
Perdi, de curioso, o somno;  
Quem é deste nome o dono?  
Quem será, disse eu em mim,  
Que tornou-se um anexam  
Ahi por essas vendolas?  
Sem crer em caraminholas,  
Verei si o Freitas me indaga  
Quem seja este tal Gonzaga,  
A quem todos chamam bolas!

O AUTOR DOS DIVINOS,  
Ferreira Vianna.  
(Extr.)

- 
- Sopeira de direito.  
—Trinche la essa ignuaria.  
—Paulo, *furtou* um gato de seu visinho

João, arrombando para isso, a porta dos fundos da casa.

Provado o arrombamento, foi pronunciado Paulo e feixado na prisão; entrou no jury e sabiu absolvido.

João, entretanto, dá queixa de Paulo para lhe pagar o seu gato; Paulo é condemnado e paga o valor da cousa que furtou, arrombando-lhe a casa.

Si houve absolvição do crime no jury de consciencia, como é que o de direito não marchou de accordo com elle na sentença?

—Hade ser porque hoje a consciencia não regula, ou porque o direito não se usa.

### ADVERTENCIA

Aos donos das vendas á esquina da Praça e do Bacalhau para que reprehendam á seus caixeiros, que fazem artes do tinhoso quando sahem á noite para o banho, já dando fortes pancadas pelas portas, já repetindo obscenas e torpes palavras, que proferiram de dia encostados ao balcão com as regateiras negriñas; sóbresañindo na soltura da lingua o menino homem.

—Pede-se ao Sr. Dr. delegado que, durante o exercicio do Mez de Maria, se digne mandar dous policias para a porta de Santa Theresa, afim de evitar que os moleques, que se ajuntam no pateo dessa egreja, não façam a figura do diabo, tentando as pobres creaturas que alli vão render graças á Excelsa Mãe dos peccadores.

Espera-se que S. S. tomará semelhante prevenção, que, custando pouco, faz um beneficio as pobres.

*Mulheres de capona.*

### VARIÉDADES.

#### CARTA DE UM TYPOGRAPHO.

Minha querida Suzana.

Depois que te remetti a primeira, e recebi resposta, á vista d'ella, acho que tuas razões estão justificadas

Pois olha! Agora cada vez te amo mais, e teus olhos são pinças que me ferem o coração; seria um *granel* de satisfação si pudesse agora me casar, mas toda a vez que á revisão de minhas algibeiras eu procedo, e quando eu *reclamo o componidor* da gaveta, gemo sob o pezo do espaço de condição que entre mim e ti existe. Tu és rica, e eu um pobretão *quadrado*. Na caixa de meu peito reprimo a idéa do suicidio; esses pensamentos são *pontalêtes* que me mortificam. Mas eu sei, visto o que dizes, que a nossa vontade ha de ser o *prelo* que nos ha de com-

pressão unir. Oxalá a *broca* do esquecimento não te faça infiel. O nosso futuro entao antevejo através a *frasqueta* que debalde me quer turbar as *letras*, que lá longe nos mostram o nosso feliz futuro. Debalde então o desesperado *tamborête* do destino me baterá aos ouvidos; tudo estará bom, e as *paginas* de nossa vida serão *entretinhas* de contentamento. Si fores-me falsa, o falso o *typo* de fidelidade que me mostra, então estão *empastellados* os meus intentos. Espero, comtudo, que não sejas a *cortadeira* de minhas esperanças, por isso que minha franca lealdade é á *cunha* que te apresento, e espero que dê-me a *prova* do teu amor. Oh! muito te amo; és a *potassa* que lava meus tristes pensamentos; a *escova* do desespero que me amofina, tu com o *veio* de teus olhos *emen*, *darás*, pondo-lhe em seu lugar a alegria. Ah! si eu te pudesse introduzir na alma o *filête* d'oste amor que te consagro!... Se chegasse a ser teu expôso... Oh! Seria o melhor *titulo* que possuiria! Minhas idéas em *rôlo* se apresentam, e bem advinho o meu futuro por entre as *vinhêtas* da infelicidade.

Assim tu, bem vês que abro-te a *galé* de meu peito, e apresento-to os *originaes* de minhas inspirações, por entre *taryas* do maior desespero.

Espera resposta

o teu mimoso  
*Versal de Gordinho.*

### CALEMBOURG.

Um roceiro, indo pela primeira vez ao Alcazar, e ouvindo cantar a cançoneta *C'est pour ce soir*, querendo mostrar que sabia francez, exclamou, tirando um lenço da algibeira:

—Si é para se assoar, aqui tem um lenço; mas torne-m'o a mandar.

### ADVOGADO PARA OS OUTROS.

Um pobre pediu uma esmola a Malherbe assegurando-lhe rogaria a Deus por elle.

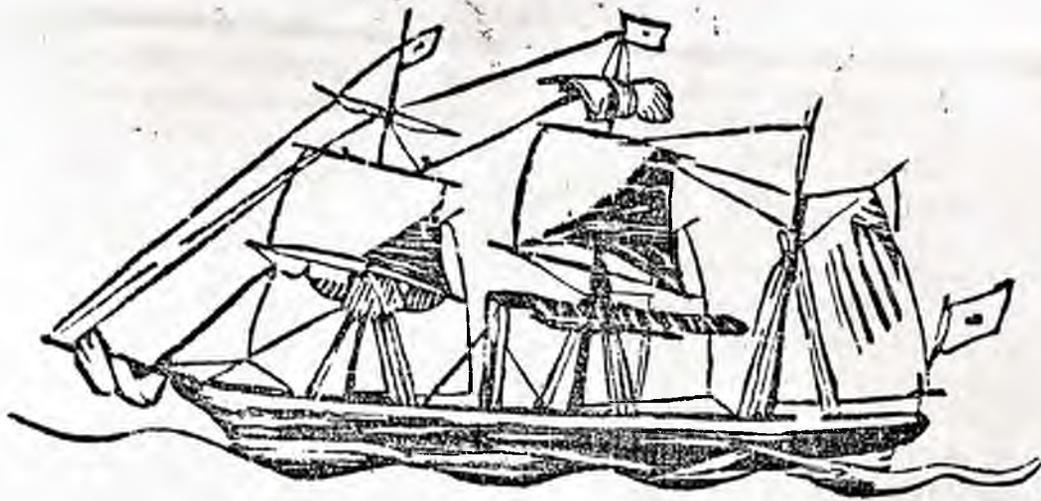
—Que! meu pobre diabo, que credito poderão ter no outro mundo as tuas supplicas junto de Deus, que te deixa morrer de fome neste?

### ANNUNCIOS.

Declara-se ao Sr. Antonio Rosendo Joaquim que, si immediatamente não comparecer nos logares indicados por dous annuncios publicados neste periodico, verá com pasmo seu e sentimento nosso, perante o publico, a acção que praticou nos referidos logares.

Chamamos seriamente sua attenção sobre este assumpto, que não ignora.

*O Cordinho.*



# O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.  
à rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Serie 42.

Preço d'assignatura—4\$ rs. por serie d 40 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

26 DE SETEMBRO DE 1868.

Ns. 413 e 414.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*  
25 de setembro de 1868.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia.  
—Havendo nesta cidade uma celebre mrafona de nome Musqueta, a qual, sendo reformada do regimento de Cupido e achando-se invalida, adoptou o especulativo meio de vida de mandar por um seu agente, Manuel Bahia, *corrector das damas*, seduzir meninas pobres das casas de seus paes e raptal-as para o seu prostibulo, para com ellas fazer um commercio immoral, deshonesto e torpe, dando-se ainda, ha trez mezes, um caso destes com a filha de um infeliz velho e sendo innumeradas as victimas, que andam por ali entregues á prostituição por esse monstro, que de mais a mais as castiga, como si fossem suas escravas, em quanto estão sob seu oppressor dominio, pede-se a S. S. que, como magistrado honesto que é, mande vir á sua presença semelhante heroina e, depois de syndicar do facto com a circumspeção que o distingue, lhe dê um destino qualquer, como, por exemplo, tirar fios para os nossos feridos do exercito, afim de que não continue a ser a perdição de tantas inexperientes.

—Esta companhia do Gaz anda cassuando com o publico.

—A maior parte das ruas só se illuminam ás 7 horas.

—Não se admire disso, pois no domingo a musica tocava o recolher na Praça e ainda se illuminava a rua da Mizericordia, Praça, Pau da Bandeira e rua Direita.

—Isso vae ás mil maravilhas.

«—Sr., aqui ta *doie doie*.

«—Zimola para *Cosme e Damião*, um foi medico, outro foi *srurjão*.

«—Meu Sr., hote aqui alguma cousa p'ra meus mabaças.»

—Alem de meus males ainda mais esta!  
Tres de pancada!

A tres dias, não posso sahir á rua; sem que a cada canto me veja abalroado por tão incommodativa praga.

—Isso dá uma ideia, posto que abreviada, da nossa civilização.

—E devem ser bem comilões os taes mabaças; por que tudo agrada á enorme sujeira de pedintes, que andam se esbarrando pelas ruas.

—Não lhe pareça; ha ruas onde se encontram seis e sete de uma vez.

—A negra, que sabe com a venda da senhora, aproveita o ensejo para deitar n'uma gamellinha ou n'uma tampa de cuias o registro de dous santos e com duas cuias da costa, uma em cada mão, la vae dando atracação em todo pobre vivente. Dentro daquellas cuias vem o lanho de garopa, a talhada

de doce, o pedaço de sabão e tudo quanto podem arrancar da credulidade e superstição!

A creoula faceira mette-se nos pannos de ver a Deus, encaixa as duas figurinhas n'uma bocetinha forrada com um lencinho de renda, cujo prestimo, talvez, tenha sido bem immoral e la vae se requebrando explorar na cidade baixa a charidade dos caixeiros, que, quando dão a esmolla, querem logo saber a cuja onde mora.

—Tudo isso é pura verdade..

—Ora aonde é que ja se viu saneto comer abobora, gilós e até beber cachaça?

—Sabe por que acontece d'isso?

Porque as cousas de nossa terra dão forte e duram pouco. Na digna policia do Dr. Rocha Vianna adoptou-se a providencia de não se consentir esmolleres sem licença previa do arcebispo; o homem retirou-se e adeus minha onça.

—Entretanto estão as ruas coalhadas d'esse alluvião de occiosos, que vivem a *abuzinar* os ouvidos do publico com esmollas para S. Cosme e S. Damião!

#### AS COMPORTAS DO LOGISTA.

Si por ventura houvesse necessidade de um dictionario de comportas, a ninguem se incumbiria melhor semelhante trabalho do que a um logista.

Parece que ao entrarem do balcão no primeiro dia em que tomam as honras de caixeiro, se lhes principia logo a ensinar toda esta chusma immensa de comportas e historias com que querera muitas vezes persuadir o comprador de que a sua fazenda é a melhor, que é a mais apropriada para a obra que deseja e que em parte alguma a encontrará elle por mais modico preço.

Parece que é já um segredo somente conhecido dos logistas, estas exagerações sempre promptas para encarecer um merinó, para gabar o bem vivo de uma chita de ramagem, para mostrar o fino do tecido e outras qualidades, que tornam aquella fazenda a melhor de todas.

Os amos ensinam aos caixeiros estas comportas, os caixeiros mais velhos vão imbuindo-as nos cascos dos novatos, de sorte que hoje se tem tornado digna de attenção a multidão de palanfrorios e comportas dos senhores logistas.

Tenham pois paciencia que a cousa hoje é com Vv. mm.

Necessita um pobre vivente de um panno ligeiro para fazer um paletot e, mettendo o cobre na algibeira, desce á cidade do negocio.

Vae passando pelas lojas e lá entra n'uma.

Um mancebo bem apessoado está junto do

balcão, e se mostra sollicito em saber o que deseja o freguez:

—Homem, queria uma fazenda escura de que fizesse um paletot..

—Pois não; temos.

Bota a escada n'uma prateleira e muitas vezes vae buscar uma fazenda, verdadeiró alcaide, que é mais clara do que escura. Atirando-a no balcão, quando a ella se aproxima para desembrulhal-a, já é com um certo ar de importancia e como quem vae mostrar uma raridade.

Ao desatar dos cartões já elle principiou uma comporta:

—E' a melhor fazenda conhecida n'este tempo para paletot. Os inglezes todos a tem comprado por ser fresca e está muito na modã; já vendi sete peças ao Lefèvre e ao Mesquita para paletots. Ninguem mais tem disto; duas peças que apenas haviam no escriptorio nós as tomamos.

E assim dizendo, apresenta ahi qualquer lan ao freguez.

O coitado, que já está meio atarantado com os elogios da fazenda, que tanta extracção tem tido, olha para ella, passa o dedo e está como passarinho na boca do alcapão, cae, não cae: então, eis o logista já com o milho-alpista das comportas. Pega da fazenda, chega-se mais para dentro e exclama:

—E' lindissimo! de longe, meu amigo, faz um effeito extraordinario! olhe que faz bem comprando disto para o seu paletot; além de ser da modã e fresca, o precinho convida: Bem vê que por 200 rs. não é caro. Eu não dou disto a ninguem por este preço, mas como quero fazer freguezia e o senhor é a primeira vez que compra aqui, vá; com pessoa como o senhor, de tão boas maneiras, nunca se perde.

O comprador, atordado, nem sabe o que diga, e quando dá accordo de si já a fazenda se cortou, ficou paga, e elle está encravado de todo.

Logo que este sae, o logista já se não lembra do que disse e lá está com olhos de linco, junto do seu balcão, á esperar outro papalvo.

As comportas do logista são sempre adequadas á pessoa a quem elle quer empurrar a espiga.

Experimenta o freguez por todos os lados, até lhe dar no fraco, inventa mentiras de momento, como se estivesse chupando um figo; emfim, lança mão de todos os meios, que aprendeu de seu amo, que tambem, como elle agora faz, fazia em outro tempo.

São duas horas da tarde: entra pela porta de um logista comportista do chapa, um homem bem vestido e assim com ares de papelão.

Tem os dedos com aneis, o cabello com pomada, e finissima camiza de esguião. Ao entrar, primeiramente bota a lueta em qual-quer objecto que está na porta.

Então o logista dando corda ao relógio das comportas, vae logo principiando:

—Si deseja V. S. alguma cousa, aqui me tem ás suas ordens.

—Sim, queria ver algumas casimiras para calças.

—Pois não; tenho aqui de umas que já me comprou o barão de tal, o desembargador Fuão e até o presidente já mandou tambem o ordenança aqui buscar, porque gostou muito de uma que vio no corpo do Dr. Sierano.

(Quem não comprará de semelhantes casimiras!)

—Pois bem: me agradam, tire ahi dous cortes.

—Sim Sr., que mais quer?

—Nada.

—Aqui temos ricos vestidos, como os não ha melhores, tenho vendido mais de 20 e tinha aqui este para o desembargador F. que já o separou—V. S. não me compra algum para a Madama?

—Não sou casado.

—Oh! é pena! uma pessoa da presença de V. S. se deveria casar. Mas emfim, para fazer um presente á alguma pessoa, para...

—Homem, veja lá um, é para fazer-lhe a vontade.

—Obrigado a V. S., não quer mais nada? Um chapeusinho: são chegados de Paris, ultimo gosto. Hoje hei de mandar ao commandante superior á ver se quer. Uma bengala, não quer? quem não anda agora de bengala, não é do tom.

É o sujeito que veio comprar um corte de calças, comprou mais do que não queria e esburniu porção de dinheiro, quando queria apenas gastar alguns mil réis. O logista, quando quer vender, chama bonito ao que é feio: diz que é fino quando é grosso, e dirá que é grosso sendo fino, uma vez que o freguez assim o queira. Dirá que a fazenda veio de França, quando veio de Hamburgo; que é da moda, quando se não usa; que vendeu duzentas peças, quando apenas nem uma ainda acabou.

Forte comportista que é o logista!

—Que descôco!

Marcham as guardas com armas perfiladas, os tambores tocam marcha batida e quando chegam a seus destinos emboream os canos das espingardas.

—E' que hoje é anniversario da morte do 4.º imperador.

—Ah, de maneira que o funeral começa da hora em que a guarda chega no posto!

—Vá aprendendo que é para seu bem.

## Á PEDIDO.

Exclamava certo moço

Bastantemente zangado:

«Cem mil réis! Não pode ser

«Era meu pae abastado.»

Ao que respondeu-lhe logo

O letrado francamente:

—Meu amigo, se console

Só não é o padecente.

Vossê foi orphão feliz

Levante as mãos para o ceu;

Pois que um meu constituinte

Ficou nã como nasceu.

«—Yayá, seu coração todo é meu?»

—Engracadinho menino, tão pequenininho e já sabe galantear as moças!

—Pensei que V. fosse mais perspicaz. Pois não vê que o pae é que estaca defronte das janellas e manda o filho dizer a tal gracinha?

—Qual, Sr. *Moscasa*, pois o pae é capaz de fazer do filho seu interprete de *declarações amatorias*.

—Si quer ver, acompanhe-o até onde houver moças á janella.

—Então aquelle homem é um perfeito desfructavel, cheirando a immoral.

—E maniaço depois de tudo isso.

—Um procurador de causas

Achando-se sem dinheiro,

Emprestado foi pedil-o

Ao visinho quitandeiro.

Disse-lhe este em tom de mofa:

«Procurador sem vintem,

«Ou é um burro chapado

«Ou de vicios armazem.

## REQUERIMENTO

*De um juiz vacca dirigido á meza electoral da freguezia das aves que comem manão, por occasião de votar um phosphoro.*

« Sr. presidente, eu requero que aqui está um individuo prevaricador, aporrinhando os votantes.»

Sendo acceito o requerimento por uma estrepitosa e geral gargalhada, o requerente replicou:

« Quero dizer, não consente que os votantes votem.»

**A politica.**

Quem mais vive mais vê e mais aprende.

Ora, si eu não tivesse vivido até hoje, não saberia que a politica rolava até nos candomblés!

No domingo, em um logar chamado Engenho Velho, n'um terreiro de feitiçarias, houve grande funçõnata, por ter vencido as eleições o partido *vermelho*.

E eu, assim que ouvi fallar n'isso, mandei sellar o meu burrinho, passei-lhe a perna e *trotei* para lá.

Vi bonitas creoulas, e como sou apaixonado pela *fructa*, quasi que me torno *vermelho*, porque, palavra de honra, tive vontade de trazer uma e *conserval-a* para mim.

Estavam elegantemente vestidas com umas *saiélas*, umas toalhinhas com uns chocalhos pela cabeça e uns *rabos* de cavallos na mão, e no meio dellas haviam algumas pretas africanas que, como *vuduncas antigas*, tomaram parte na folia.

Depois o *papae* de terreiro, acompanhado de um outro preto velho, trouxe para o meio do circulo um boi todo enfeitado de fitas, conttas, busios e uma capa vermelha, etiqueta do sacrificio, e deu-se logo principio ao *brinquedo*.

Bum... bum... bum...

Os tabaques zuniam,  
E um boi para o terreiro,  
Dous pretos traziam.

Vem o *ogam* com um alfange, passa no pescoço do boi, a especie dos sacrificios que faziam no tempo do paganismo, e reunem-se todas as negras para beberem o sangue do animal, aos estrepitosos sons dos tabaques.

Bum... bum... bum...

Os tabaques zuniam,  
E o sangue do boi  
As negras bebiam.

O *Leoncio* no tabaque,  
Com geito batia,  
Com a cabra Bernarda  
Fazendo harmonia.

*Anaitó sudovum*,  
As negras cantavam;  
*Pracatá... pracatá*,  
Os tabaques soavam!

O homem de cara *brochada*,  
Na função tambem se achou,  
E de tabaque entre as pernas,  
Mui habilmente tocou.

Bum... bum... bum...

Os tabaques zuniam,  
E no *santo* as negras,  
Quasi todas cahiam!

*Agó... agó... agó... agó...!*

Era só o que se ouvia;

*Ió... ió... ió... ió...!*

Era o Mattos que dizia.

Nos diversos botequins que lá haviam, só se via a rapaziada do bom gosto e apreciadora da *fructa creoulal*, de copo na mão á virarem pela guela a *bella pinga*, debaixo de *vivas e hips*.

Grandes vivas se dava,

Ao som da folia,

Viva S. Lourenço,

O echo repetia.

Bum... bum... bum...

Os copos viravam,  
E já nos botequins  
Cachaça não achavam.

Os rapazolas amadores da jogatina, retiraram-se para dentro dos matos e de lá a seu gosto, gritavam—*az de copas, az de ouro, conde, dama, rei, az de paus; ganhei, perdi!*

Bum... bum... bum...

Os tabaques zuniam,  
E no jogo os rapazes,  
Os cobres perdiam!

Então, meus leitores, não acham que nós estamos muito *adiantados* e que a politica vae em prosperidade no nosso paiz?

Ai quem diria,

Que até nos candomblés

Politica haveria!

As negras *vermelhas*, isto é, *vermelha na cor politica* e pretas na pelle, que cahiam no *santo*, eram logo levadas para um logar que os *papae* chamam *casinha*, no qual só tem entrada o *ogam* e aquellas pessoas de *postos*. E a propoção que ellas iam cahindo no *santo*,

Com força o *Leoncio*,

O tabaque tocava,

E o *Calí... n'outro*

O acompanhava.

E'-me dispensado relatar aqui a scena burlesca que se passa dentro do tal logar denominado de *casinha*, porque os leitores bem devem saber as patifarias que os *taes papae*s praticam.

E não é isto uma prova da nossa civilização; e não é isto uma prova de que o seculo XIX é o seculo das luzes e que trabalhamos para o *adiantamento* do nosso paiz!

Agora cantará o *progresso*—

Viva quem vence,

Viva quem venceu;

Quem cahiu no *santo*,  
Foi o *vermelho* e não eu!

«Ocú babá,  
«Ocú gerê  
«Anani vremeio  
«Ja tá marê.»

### MEU TESTAMENTO.

A morte é certa; por tanto  
É justo que eu tenha medo  
De que essa senhora dona  
Me queira levar bem cedo.

Apezar de que não poupo  
Os cordeaes, nem mezinhas;  
Quanta tisana ali ha  
Ensinado por vizinhas,

Xaropes, salsa-parrilha,  
Que com longas bulas vem,  
O unguento de Holloway,  
Que rival dizem não tem,

Pastilhas, fomentações,  
De mil attestados cheias,  
Que curam constipações  
E tambem quebradas veias;

Somente p'ra ver si posso  
Tirar a qualquer coveiro,  
O trabalho de algum dia  
Me abrir triste carneiro.

Porém, por mais que eu ataque  
Os frascos do boticario,  
E que a bolsa esvasie  
Do rendimento precario;

Concluo..... (que conclusão!)  
Que me não posso escapar  
Da foice, que em fria mão  
A morte tem p'ra ceifar.

E como não está ainda  
Por esse orbe inteiro  
Descoberta a terra linda  
Onde não haja coveiro;

Logar p'ra onde eu iria,  
Com dulcissima anciedade,  
Exultando de alegria,  
Sem d'aqui levar saudade:

Sendo sem remedio o mal,  
Da humanidade tormento,  
Vou, tristissimo, afinal,  
Fazer o meu testamento.

Em nome de Deus! attentos,  
Escutai-me, vós leitores:  
Vou 'legar os meus tormentos  
Vou doar as minhas dores.

Primo:—lego a tosse minha,  
Catharral, impertinente,  
A uma minha visinha  
Que passa por ser decente;

So por ter o mau costume  
De espiar a vida alheia,  
Com o pé de pedir lume

Pelas casas hora e meia.

Deixo os meus calos maldictos,  
Em especial legado,  
Aos rapazolas da moda,  
Que usam calçado apertado,

P'ra que junto as namoradas,  
Em continuas piruêtas,  
Em vez de darem risadas  
Façam medonhas carêtas.

Dôr de dente e de cabeça  
Deixo a qualquer marido,  
Para que, quando anoiteça,  
Em casa fique mettido.

Sobre o cabello é preciso

Um artigo especial;  
Não sendo feio, nem bello,  
O deixarei tal e qual:

Seja assim distribuido:  
Faça-se uma cabel'eira  
Para algum velho garrido,  
Que ama a menina faceira.

Os meus labios resequidos  
De tantos beijos que deram,  
Estes meus labios queridos  
Que mais beijar não poderam:  
A vós amaveis leitoras,  
E' a quem eu vou legar,  
Não sejaes despresadoras:  
—O seu officio é beijar....

Aos juizes, magistrados,  
Aos cambistas e banqueiros,  
Como a esses desalmados  
Tratantes dos taverneiros,  
Deixo a minha consciencia  
Por que sei que elles não tem,  
Mas, eis surge uma pendencia  
Que ma reclamam d'além.

Quem são accaso os senhores  
Que, em altos gritos, m'a pedem?  
São da vida arranjadores  
Que aos demais em nada cedem;

Thesoureiros de irmandades,  
Doutores em medicina,  
E toda essa infinidade  
De tratantes de batina;

Alfaiates, sapateiros,  
Boticarios, ferragistas,  
Os esportos dos padeiros  
E a sucia de logistas;

E.... si eu fosse a enumerar  
Os que compõe o painel,  
Não chegava p'ra encaixar  
Dez mil folhas de papel.

Por tanto, vamos avante,  
Eu carapuças não talho,  
Porque p'ra tanto tratante  
Não ficava um so retalho.

Sinecuras, conezias,  
Mamatas da patria teta,

E outras mais *ninharias*,  
 Em que chupa quem tem trêta;  
 Como sejam:—inspecções,  
 Imprezas com bem melgueiras,  
 Contractos, arrematações,  
 Muitas outras pepineiras;  
 A quem for adulator,  
 Lego, testo, som pezar,  
 Pois quem não tem pundonor  
 Pode na teta mamar.

Comendas e baronatos  
 Os foros da fidalguia,  
 Que se vendem a retalho,  
 Como ao balcão, hoje em dia,  
 Deixo aos encasacados,  
 Ladyões, que brios não tem,  
 Que assim serão extremados  
 Da gente pobre de bem.

O ser ministro de Estado,  
 Conselheiro, vereador,  
 E tornar-se inculcado  
 Ser da patria salvador,

Para a gente *barriguda*  
 Por certo hei de deixar;  
 Feliz della! so estuda  
 A maneira de *trepár*.

Mas, por causa da *barriga*,  
 Alguns de *gatinhas* vão,  
 De maneira que ha quem diga  
 Que se rojam pelo chão,

P'ra novos vereadores  
 Deixo.....sim..... querem saber?  
 Triunpho aos conservadores,  
 Grei que não sabe comer.

Foi de justiça que o *povo*,  
 Do bem em compensação  
 Lhes desse uma bem boa  
 Numerosa votação.

Deixo agora aos taverneiros  
 Para o vinho baptisarem,  
 A elles, sempre os primeiros,  
 Nessas cousas de enganarem.

Deixo as ruas aos peraltas  
 Para de pernas as encher,  
 Devendo supprir as faltas  
 Que as moças *possam fazer*.

Dos cães, que ja tem morrido  
 Em oblação policial,  
 Somente por que não pagam  
 O *imposto pessoal*,

Reunam todas as pelles  
 Sendo possível, stá visto,  
 Para mandar de presente  
 Um gibão ao Evaristo.

Deixo mais roto fundilho  
 Das minhas ceroulas velhas,  
 A um certo peralvilho  
 Rapaz de grandes orelhas;

Que, palavra, doze asneiras

Estando calado, diz,  
 Para que por brincadeira  
 Com ella assôe o nariz.

A um velho representante  
 Do século que ja passou,  
 E, que fazer de amante,  
 Não ha muito que tentou;

Deixa faço dos meus dentes,  
 Que não são lá dos melhores;  
 Porque ou *atrás* ou na frente  
 Si elle os tem, são mui peiores.

Os olhos, que tanto viram,  
 De belleza e fealdade,  
 Que tantas vezes mentiram  
 Se volvendo com maldade;

Deixo um para as mães  
 Vigialem as meninas,  
 Quando vão com os rapazes  
 Ao jardim, colher boninas.

Aos velhos recém-casados  
 Com guapas lindas meninas,  
 As quaes fazem seus agrados  
 Aos rapazes das esquinas;

P'ra não trazerem nas testas  
 A carga que trazem bois  
 Deixo o meu segundo olho,  
 Olho, que enxerga por dois.

O *outro* ao fisco geral....  
 Mas.... agora é que reflecto,  
 Que eu só tendo dous olhos  
 Vou crear algum conflicto.

A lingua distribuida  
 Pelas tendas de barbeiro,  
 Gente que da vida alheia  
 Fallam, ganhando dinheiro.

Quanto á minha fortuna  
 Deixo para quem quizer,  
 Não tenho herdeiro forçado,  
 O meu herdeiro é qualquer.

E neste meu instrumento,  
 Que muitas vezes reli,  
 Neste *triste* testamento  
 Que *seriamente* escrevi;

Não tenho alguma intenção  
 De offender a ninguem;  
 O meu estro é brincalhão;  
 Si ha mal, d'ahi provém.

E nada mais se continha  
 No supradito instrumento,  
 E eu juro por fé minha  
 Não ser outro o testamento.

Approval-o extrajudicial,  
 Não posso fazel-o ja.  
 Mas supplico esta mercê  
 Ao illustrado—*Agente lé*.

Isto é, ponha preto em branco,  
 Reduzindo a publica forma;  
 E correr faça este aranzel  
 De um testamento norma.

## O ECHO E O LADRAO.

(IMITAÇÃO.)

Alta, noite um ladrão, d'uma parreira  
Bifando muscateis uvas sem dó,  
Dizia: — Regalar vou os rapazes...  
O João, o José e o Jacob.

Echo — Oh!

Oh!... quem stá aqui a estas horas?  
Querem ver que o caseiro deu por mim!..  
Nada, toca a safar, e quanto antes,  
Que já não estou bem aqui assim.

E.—Sim!

Não tem que ver... estou arranjadinho...  
Vou dar aqui o ultimo suspiro,  
Si não bato canella!... Vamos, vamos.  
Toca a ver si sem perigo me retiro.

E.—Tirol!

Ai! que o demo do homem vem armado,  
E pode a tal função sahir-me cara...  
Que será da mulher e de meus filhos,  
Si elle no triste vulto me dispara!

E.—Pára!

Lá n'essa é que eu não caio, meu amigo.  
Pois de juizo bom nunca fui falto...  
Deixai-me vós chegar ao pé do muro,  
E vereis como então p'ra elle eu salto...

E.—Alto!

E' alto, sim, senhor, mais eu sou leve  
E trepo ha annos muros de quintaes...  
Vereis como eu o subo n'um instante  
Si parado e quieto ah'nficaes.

E.—Caes!

Caio!... não caio tal; ora vereis  
Como minha manobra a limpo sabe...  
Desculpai-me a *bifança* d'estas uvas...  
Não torna ca o filho de meu pae.

E.—Ai!

Trepava; porem perde o equilibrio  
Por ter seu tanto ou quanto de pifão;  
E o echo aquelle *ai* soltou ao longe,  
Quando o larapio viu cahir no chão.

J. I. d'Araujo:

## NOTE.

Por você me desprezar  
Não hei de morrer solteira.

## GLOSA

Quer que então leve a chorar  
Toda a noite e todo o dia  
Sem ter pois mais alegria,  
Por você me desprezar?  
Pensará que hei de acabar  
Os meus dias feita freira?  
Ou que faça uma outra asneira  
Por me haver você deixado?  
Si assim é, está enganado,  
Não hei de morrer solteira.

## Soneto.

Preta e ja gasta, suja cabelleira,  
Olhares-de macaco mui *negreiro*,  
Bocca de negro mina caxaceiro,  
Nariz de espertalhão que a-fumo cheira;  
*Cavalheiro* avesado a ladroeira,  
Com-unhas-de rapoza, caloteiro,  
Testemunha, que jura por dinheiro,  
Naca de estupidez e bandalheirã;  
Escriptor de sandices que de um jacto  
Escreve *jamaes nunca!* e tão safado  
Que de novo se indica a litterato:  
Eis retratado o filho amaldiçoado,  
O burro que commette o desacato  
De um diploma possuir de advogado.

—Então, meu charo, cómo vac?

—Mal.

—Sintô muito; porem eu lhe vejo gordo e robusto.

—Não é de saude que me queixo, graças a Deus, e sim de um pessimo visinho.

—Oh! isso é peor que uma camáda de sarnas gallicas.

—O maldito caixeiro daquella venda, que fica no fim da ladeira do *Ferro grande*, que traz toda visinhança em roda vida.

—Ja tive queixas desse biltre.

—E aqui para nós, ha certas cousas; que não sei comprehender. Não sei como o amo desse insolente canzarrão, que por seu interesse devia velar pela boa ordem de sua casa, fecha os olhos a tudo que faz o depravado e toma até por gracinha.

Tambem não me pode encasquetar que haja amo que, sabendo, tolere, que seu caixeiro tenha duas amazias, a quem paga casa, veste, dá-lhes luxos e até vae libertar uma dellas com uma filha.

—Isso é muito. Ha ali o quer que seja; o sujeito é caixeiro e mais alguma cousa.

—Mas, fizesse elle lá seus gastos e não vivesse a affrontar o decoro publico, que eu pouco me importaria.

—Estou certo disso.

—Minha familia está prohibida de chegar á janella, por que não quero perder-me, pois que o atrevido bregeiro, tem a insolencia de dirigir para la, logo que vê alguém, accionados obscenos.

—O Sr. acabava isso com uma bochecha d'agoa.

—Como?

—Queixando-se ao subdelegado.

—Estou neste proposito.

—E en lhe ajudarei. Como se chama elle?

—O amo ou o caixeiro?

—Ambos.

—Francisco e Miguel.

—Tomo nota, e deixe estar que quando o Sr. chegar onde está o subdelegado, ja ha de achar elle lendo o *Alabama*.

—Sr. tenente, assim tambem, não.

Prender a mulher, e dar-lhe tanta bofetada!

—Que tem o Sr. com isso?

—Um corpo não soffre duas penas, meu tenente.

—Ja sei... quer se oppor a prisão.

—Eu?! Amarre seu cavallo n'outra porta.

—Que do cavallo, si eu não o strago?

—Ora esta! Tenente, vá rondar suas patrulhas até a meia noite e não me encaife.

—Quer me bigodear, sem duvida!

—Bigodeada está a creoula, que depois de levar muito sopapo, na quarta-leira á noite, ha de accordar na quinta engaiolada na Correção.

## VARIÉDADES.

### EXCESSO DE FÉ.

Certo pregador, fazendo o panegyrico de Santa Quiteria, dizia todo inflammado:— Quereis saber o que fez Santa Quiteria, quando lhe cortaram a cabeça? Pegou nella com muita devoção e beijou-a tres vezes em signal de humildade.

### QUE IMPAGAVEIS ENFERMEIROS!

Lê-se no *Jornal de Charteroi*:

«Dous simplorios, marido e mulher, dos arredores dessa localidade, tinham um filho doente, havia ja alguns dias; mandaram por isso chamar um medico. Este, depois de examinar o doente e de receitar, teve o cuidado de deitar areia em tudo quanto escrevera, afim de evitar borções, e disse:

—Aqui está um visicatorio, devem estendel-o em um lenço ou em outro qualquer panno, e applical-o assim sobre o estomago; amanha cortarão com muita delicadeza as empollas que o emplastro tiver feito.

Poupamos aos leitores o sacrificio de ler o resto da explicação.

Sahindo o medico, a mulher toma a receita, vira-a, revira-a, examina-a com toda a minuciosidade.

—Este visicatorio, observa ella ao marido, parece-me bem singular!...

Sem massa caustica, como pode queimar?...

Não é sem razão, de certo, que a superioridade intellectual foi outorgada ao rei da criação o homem!... O que a mulher com tanto trabalho não descobriu, o marido em um relance prescuto!

—Ora! exclamou chacoteando, não ha massa caustica? E isto, accrescentou com desdem e apontando triumphante a sua estupefacta mulher, para a arêa adherente á receita, julgas que o doutor atirou abiso para enfeitar o papel?

Ante tão irrecusavel prova, desappareceram todas as duvidas. Põe-se a vella ao estomago do menino applica-se o emplastro acompanhado, ja se sabe, do competente lenço e espera-se anciosamente pelos ma-

ravilhosos effeitos prognosticados pelo facultativo.

Mas, oh dor! No dia seguinte é levantado o apparelho e por mais que procurem as decantadas empollas, não encontraram nem inflamação nem mesmo vermelhidão!

A mulher exaspera-se; sustenta que a massa caustica era pouca, o marido não é dessa opinião, pois tem muita fé no medico, comtudo, depois de um longo dizer tu e dizer eu, conclavam-se em deixar o tal emplastro no lugar até a visita do doutor.

Eil-o que chega e começa por admirar-se muito que o caustico não tenha queimado: pede explicações aos enfermeiros que lhe respondem com uma comprida tirada acerca de massa caustica que o deixam em jejum, no entanto pede para ver o doente.

E' lhe apresentando o menino e profundo pasmo! Sobre o estomago, algum tanto redondo, mas totalmente virgem do caustico, o doutor descobre... o que? A sua receita!...

Accrescenta a folha donde traduzimos este facto, que, apesar de todos os pezares o doente ficou bom e passa hoje excellentemente.

## COUSAS EXTRAVAGANTES.

Camisa com tres botões no peito.

Trancelin de ouro e relógio de prata.

Trajes velhos com luvas novas.

Peito de camisa com bordados.

Cordão de ouro em pescoço de homem.

Roupa da moda e chapéu machucado.

Aceio na vestimenta e sapatos estourados.

Trazer de uma vez chapéu de sol e bengala.

Fazer buchas de sedulas de 50 para caça.

Jogar gamão em horas que se canta.

Largar a companhia de senhoras para ir á caça:

Queimar sedulas para acender charutos.

Um caloteiro costumava, quando era procurado pelos credores, por-se a rezar n'um rosario. Tomados de santo respeito, nunca elles tinham ousado interromper-o em tão beatifica occupação. Um dia, porém, veio um, que quiz esperar que o beato caloteiro terminasse as suas litrinias; este começou então a rezar um padre nosso a cada santo da folhinha.

Esperou o bom do credor que, esgotados os santos do almanak, o homem lhe desse audiéncia, mas o caloteiro, mal acabou a lista dos canonisados, exclamou:

—Mais onze mil padres nossos pelas onze mil virgens.

O credor sabiu immediatamente.

Um rapaz de boa familia recebeu de seu pae a somma de tres mil francos para obter um substituto militar no caso de cair-lhe a sorte.

Acontece tirar um bom numero. Sabendo disto o pae, lhe escreve felicitando o e pedindo a restitução dos tres mil francos.

O filho responde-lhe:

«Meu querido pae—Tendo obtido eu um bom numero e não precisando comprar um homem, comprei uma mulher. Vosso filho etc.»

—Pobre rapaz! diz o pai; nem ao menos tem a propriedade della, è apenas usu-fructuario!



# O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.  
à rua do Collegio n. 14, 4.º andar.

Serie 42.

Preço d'assignatura — 4\$ rs. por serie de 40 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

29 DE SETEMBRO DE 1868.

N. 415.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Iatronopolis, bordo do *Alabama*  
28 de setembro de 1868.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da rua do Paço.—Constando que, no principio do Caminho Novo, reune-se todas as noites uma chusma de negros captivos e forros e que ahi, em menoscabo da decencia, proferem palavras obscenas, sendo constantemente perturbado o repouso publico por semelhante adjuncto, sirva-se S. S., tomando em consideração o exposto, de dar as mais energicas providencias afim de que se não reproduzam semelhantes factos offensivos ao decoro e moral publica.

—Ao Illm. Sr. subdelegado do districto dos Mares, fazendo-lhe sentir a conveniencia que ha em acabar com um intoleravel e incommodo samba, que se dá nas noites de sabbado, no Uruguay, samba que rara vez deixa de acabar pela madrugada em cacetadas, alem da algazarra e amotinada herreria com que inquieta os moradores. Em vista do que, espera-se que S. S. tome em consideração o exposto.

- São dos diabos os ratoneiros.
- Praticaram alguma *gentileza*?
- Deram um *golpe* de cento e tantos mil

réis n'um preto, creio que da casa do Sr. Botelho.

—Que demonios!

—Dous já estão na chena, Viriato e Antonio Desiderio, e vão ser processados pela subdelegacia da Sé, por crime de stellionato, o terceiro João das Mulatas, fez ablativo de viagem para Santo Amaro.

—Deixe estar que a policia do Sr. Assis lhe irá no-encalce.

—Temos boas noticias da guerra?

—Ignoro.

—Não chegou o paquete francez?

—Fundeu ha meia hora.

—E eu vejo musica na praça e tanto povo!

—Não; isso são os alumnos do collegio S. João, que vieram cumprimentar o presidente.

—Olé! a politica já invadiu as casas de educação!

—De tudo faz V. um commento. Já encherrou nisso pensamento politico!

—A gente fallando se entende.

—Pois enganou-se.

—Mesmo que deve de ser assim. Porque eu, si mandasse meu filho para o collegio, não queria que o professor andasse lhe imbuindo no juizo este ou aquelle systema de partido.

—Ha segurança de propriedade?

—Porque não? Ahi está o corpo de policia, as rondas de vapor, a guarda nacional a-

quartelada e vae mais se crear um corpo provisório, para garantir nossas propriedades, isto é, de quem as tem, que eu cá por mim, tudo quanto possuo comigo trago.

—Está bem aviado! Eu nunca vi os larápios e ratoneiros mais audazes.

Entre outros, ha aqui um moleque Angelo, cara-olho, morador em casa do conego Cyrillo, que é um verdadeiro flagello para o publico; entretanto que a policia, com seu cortejo de agentes, ainda não foi capaz de filal-o.

—E' endemoninhado.

—Um dia destes entrou surrateiramente em casa do negociante Gonçalo Alves Guimarães, á Soledade, arrombou um quarto e roubou tudo quanto achou: relogios, roupa, dinheiro, etc.

—E pôz-se ao fresco?

—Preso na freguezia da Sé, escapuliu da casa do subdelegado, façanha que não é a primeira vez que pratica, e homisiou-se na Cathedral, seu valha-couto certo.

—Mas que quer, si ha ali dous conegos, que lhe dão guarida!

—E um até anda se empenhando por elle.

—Agora, o motivo porque elles praticam assim, é que é tristissimo para dous sacerdotes.

—Brada-se até esganar e ninguem cumpre seu dever!

—Deixe-se disso, rapaz.

—No dia em que o Sr. passar pela rua Direita e levar uma boa porretada, não ha de dizer assim.

—Isso não é com o filho de meu pae, que não offende a ninguem.

—Quantas vezes paga o justo pelo peccador?

—Dessa maneira, não duvido.

—Pois é assim mesmo. Os capadocios perseguem a um pobre velho, cego e maluco, que ha ali, de nome Jacob, e este, desesperado, vem para a porta com um formidavel cacete e vae distribuindo cacetadas ao vento. Ora, é claro que ellas só podem offender a quem vem desaperecebido, porque os provocadores tem a prudencia de se pôrem de largo.

—E' malvadeze mais alguma cousa ir atormentar a um infeliz cego!

—O vapor francez trouxe noticias da guerra?

—De importancia, não. Passando os olhos pelo *Jornal do Commercio* apenas encontrei o seguinte:

«A unica cousa que com certeza se sabe do heatro da guerra é achar-se o nosso exercito,

parte do qual já chegara a Villa-Franca, em marcha sobre a Villéta; ou antes sobre a Assumpção; pois não se acreditava que Lopez tentasse defender-se naquella povoação, nem mesmo em outro qualquer ponto. A esquadra subia tambem o rio, acompanhando o exercito e adiantando-se a elle alguns vasos.

O mesmo jornal dá como effectuada a occupação de Tebiquary, e diz mais que Lopez fuzillou, entre muitas outras pessoas, o Sr. Pereira, consul de Portugal.»

—Temos barulho no becco.

—E pelo jeito a cousa é grave.

—Eu que não quero ficar, em jejum a respeito, vou me chegando.

—E eu tambem.

—Ora forte estupidez!

Pois reunirem-se mais de 300 pessoas para apuparem e rasgarem uma mulher que sahio á rua de vestido, por que é de côr preta.

—Por isso, não; muitas senhoras de côr preta sahem á rua e são respeitadas. E' que a cuja está no pifão.

—Embora! Quem authorizou essa malta de capadocios a maltratar uma mulher indefeza?

—A civilisação desta terra corre a galope.

—E a segurança individual é fructa que peccou no cacho.

—Emfim, o Sr. major de policia, com seus bons modos vae accomodando a turba e conduzindo a sujeita para casa.

—E a Sra. Melania, que esquite-se de sahir segunda vez de vestido porque o publico intolerante não lh'o permite.

—Tambem ella sempre foi estabanada.

### NOSSO REI GOVERNA SO'!

Eia, viva, haja folgança,  
Que a cousa está de romper,  
Salte, pule, cresça a dança,  
Que o batuque é para ver;  
A sombra da magestade,  
Do rei faça-se a vontade,  
E o povo roje no pó;  
E viva a santa harmonia,  
Tripudie a real folia,  
Nosso rei governa só.

Ha quem falle em voto livre,  
Coitado do toleirão!

Quem pode ser illustrado  
Junto do regio mandão!?

Corramos como carneiros  
Aos acenos dos ordeiros,  
Escravos n'uma só mó.

Que o rei o quer... e abundancia  
Ha de encher-nos a ganancia,  
Nosso rei governa só.

Nossos paes nunca pensaram  
Que esta fosse a nossa sorte,  
E que o grito do Ypiranga  
Seria um grito de morte.  
Que, fazendo a Independencia,  
Erguiam a prepotencia,  
Que ao povo calca sem dó;  
Nunca lhes veio á memoria,  
Que exista tempo na historia  
Em que o rei governe só.

Foram loucos, que sonharam  
Grandezas para o Brasil!  
Quizeram que o povo inteiro  
Tivesse alma varonil!  
Julgaram que o soffrimento  
Nos fadejava um momento  
Da liberdade sem nó;  
Não podiam crer que o povo  
Rojasse escravo de novo  
Do rei que governa só.

Foram loucos! nós felizes  
Saibamos escravos ser;  
Salte, pulé, cresça a dança,  
Que a cousa está de romper;  
Veja por nós a policia,  
E gose o povo a delicia  
De beijar submisso o pó;  
Que temos, por f'licidade,  
No throno a nossa vontade  
Do rei que governa só.

(Do Diario do Povo.)

### LA VAE VERSO.

— Querem saber d'uma cousa  
Que deve causar espanto,  
Pois um subdelegado  
Tambem não cahiu no *santo*?  
Foi com a familia ver  
No Engenho Velho a *matança*,  
E ficou tão fascinado  
Que deu co'os quartos na dança.  
E no meio das creoulas,  
Com um cumprido timão,  
Eil-o a mecher com o corpo  
Com seu penacho na mão.  
Petiscou seu *afurá*,  
Comeu azeite fervendo,  
E junto do pé de *Lócco*  
Foi pelo chão se batendo.  
Si até as authoridades,  
São deste mal atacadas,  
Não admira que o sejam  
Boçaes creoulas, coitadas....

### MOTTE

Glozado entre a Felippa coxa, o padre Sabido  
e o Mil-homens.

Padre.—Ora va de sucia—vamos fazer al-

gum improviso á saude da nossa gente, que  
bateu a chapa em todas as freguezias.

Quem dá o motte?

Felippa.—Dou eu e hade ser bem bonito,  
para influir a gente a discorrer—la va elle.

«E' cousa que eu mais desejo»

Mil-homens.—Um appendice, peço que se  
declare a qualidade da cousa.

Padre.—Não apoiado, estamos em paiz li-  
vre, cada um tome para si a cousa como qui-  
zer; nada de discussões. Eu vou já princi-  
piar—

De mulher velha e ranhosa  
Não quero beber sobejo;  
Que não dê traques na cama  
«E' cousa que eu mais desejo.»

Felippa.—Fora, fora patife, isto é comi-  
go—e este bregeiro não olha para si, que está  
vivendo em concubinato escandaloso com a  
Maria Joanna. Pois eu vou ja esfregal-o. Ar-  
rel! Que padre atrevido—

O Sabido de vergonha  
Não tem o menor bafejo;  
Que a *cuja* lhe dê supapos,  
«E' cousa que eu mais desejo.»

Mil-homens.—Gentes, está mau isso, vie-  
mos nos divertir e não puxar desordens; eu  
faço meus improvisos sem bolir com os ou-  
tros e por tanto vou dar de mim sem ba-  
rullo.

Padre.—Bravo! isto é que mostra ter bom  
gosto e educação; diverte a gente sem offen-  
der; não é como esta pirúia, que veio logo me  
atacando.

Felippa.—Calem-se, senhores, que la vou  
eu corrigir a phrase—

Fortunas improvisadas,  
Da noite p'ra o dia vejo,  
Que me digam d'onde vem  
«E' cousa que eu mais desejo.»

Padre.—Espere, Sra., que acudiu-me a  
pojadura—

Moça bonita e bem feita  
Tem sempre doce bafejo,  
Que me assopre no meu beiço,  
«E' cousa que eu mais desejo.»

Mil-homens.—Agora eu—

Todo fidalgo impostor,  
Eu desprezo e não cortejo,  
Saber si é melhor que os outros  
«E' cousa que eu mais desejo.»

Felippa.—Pois agora, o que vou fazer é  
n'outro ponto para variar; escutem—

Quem tem marido sovina,  
Não come, bollos nem queijo,  
Cazar-me com vendelhão,  
«E' cousa que eu mais desejo.»

Mil-homens.—Ora dá-se que asneira de  
mulher! Querer casar com vendelhão, só pa-  
ra comer queijo. Pois la vae uma de estouro—

Uma tarasca já velha  
Pariu um filho sem pejo,  
Saber quem fez esta obra  
«E' cousa que eu mais desejo.»

*Felippa.*—Isto é commigo, bandalho; si é capaz, chegue p'ra cá.

(Traveu-se a briga e acabou tudo em bofetão; o padre de batina rota e *Mil-homens* com a cara toda arranhada.)

## Á PEDIDO.

La se vão mais de seis mezes!

Tem se feito diversas provocações pela imprensa, e não ha forças humanas que façam com que o tal sabidorio, que arrecadou os continhos de reis para os festejos pelo acabamento da guerra, e que não poupou a nenhum habitante da *Avó de Christo*, dê conta ao menos de quanto agenciou?! E como hade elle dar conta, si estes cobres vieram tão a proposito para a obra do sobrado? E se não que o diga o

*Trimático Major.*

—Não sabe, capitão?

—O que?

—No domingo, foram aquellas duas sujeitas da ladeira da Praça com dous capadocios para o Engenho da Conceição e de lá transportaram se para as Campinas para o *zungá*.

Não sei os nomes dos capadocios, parece-me que um se chama *João Pintor*.

—Estão tão enraizada estas patifarias de candomblé, que eu já não me admiro de ver a gente de cor preta involvida, quando até os brancos são os mais encarniçados adeptos da cousa.

Pede-se aos Illms. Srs. Dr. chefe de policia e subdelegado da Sé que, a bem da moralidade publica, se dignem lançar suas vistas para umas depravadas meretrizes, que moram no 1º e 2º andar da casa n. 38, á rua Direita de Palacio, as quaes reunidas, sem respeitar o decoro das familias, praticam toda a casta de obseidades, em palavras e actos, com as janellas abertas e em fraldas de camisa, consentindo que *certos freguezes* dirijam de seu alcouce expressões vis e insultuosas ás familias, que não se querem sujeitar a reclusão de trazerem as janellas constantemente fechadas.

Ha noites em que a orgia estende-se até as quatro da madrugada, debaixo da mais estrepitosa galhofa e dieterios immoraes.

Sendo esta rua uma das mais transitadas, é vergonha que esteja nella semelhante foco

de prostituição, pelo que implora-se as benignas vistas de Ss. Ss.

## VARIÉDADES.

Um aldeão de Manhiacim, perto de Hamburgo, foi ultimamente ao altar, na idade de 50 annos, a sua decima ma her.

Este enlace matrimonial atrahiu grande numero de testemunhas que, como prova de admiração pela recemcasada, levaram-a em triumpho pelas ruas.

Os romanos faziam o contrario em circumstancias analogas, isto é, conduziam em triumpho o marido.

No tempo do imperador Theodoro, um homem do povo, cujo nome a historia assignala, e que tinha já casado muito legalmente com 20 mulheres, contrahiu matrimonio com uma innocente, que, pela sua parte, ja tinha enterrado 22 maridos.

O publico estava ancioso por ver qual dos dous enterraria o outro, mas não tardou muito sem que se tirasse de duvida, porque a mulher passou desta para melhor vida.

O povo correu em ondas á casa do heroe, pôz-lhe uma corôa, metteu-lhe uma palma na mão, como se fazia aos vencedores, e passou-o em carro triumphal pelas ruas principaes de Roma.

## COUSAS QUE SE PEDEM EMPRESTADAS.

Bandeja em dia de chá.

Bichas e oleo de ricinio nos engenhos.

Violão para captar modinhas.

Prato grande em vespera de S. João.

Forma de pan-de-ló.

Chapéu de pasta em dia de baile.

Caixa de voltarete em dia de função.

## ANNUNCIOS.

AMA

Preciza-se de uma na rua da Preguiça n. 11, 2.º andar.

## QUEIMA ESPANTOSA!

A 2\$400! 2\$400! 2\$400!!

Cada corte de cassa achitada de fixos e lindos padrões, com 8 jardas cada um, fazenda propria para vestido, vende a loja 106, ao entrar das Grades de Ferro, por baixo da Lithographia Jourdan.

A's familias que dezejarem ver esta novidade, mandando o importe, da-se para ver.

O Dr. Especulatorio participa ao publico desta cidade que tem aberto o seu hospital nos arcos de Santa Barbara, onde dá consultas continuamente das 9 horas até meia noite. Cura perfeitamente as molestias de uuhas e febres inconsequentes. Aos pobres de graça, no caso que morram e aos ricos conforme o dinheiro que tiverem. Quem duvidar adoeça.